

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**CURSO DE FILOSOFIA**

**Fé, razão, vontade como condutoras do homem à verdade**

Tatiane Barbosa dos Santos

**São Luís**

**2016.1**

**TATIANE BARBOSA DOS SANTOS**

**FÉ, RAZÃO, VONTADE COMO CONDUTORAS DO HOMEM À VERDADE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

---

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

**São Luís**

**2016.1**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Barbosa dos Santos, Tatiane.  
Fé, razão, vontade como condutoras do homem à Verdade /  
Tatiane Barbosa dos Santos. - 2016.  
57 p.

Coorientador(a): Helder Passos.  
Orientador(a): José Assunção Fernandes Leite.  
Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,  
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do  
Maranhão, 2016.

1. Homem. 2. Interiorização. 3. Providência Divina.  
4. Retorno. 5. Verdade. I. Fernandes Leite, José  
Assunção. II. Passos, Helder. III. Título.

**TATIANE BARBOSA DOS SANTOS**

**FÉ, RAZÃO, VONTADE COMO CONDUTORAS DO HOMEM À VERDADE.**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Olília  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Sidnei Francisco do Nascimento  
Universidade Federal do Maranhão

## **AGRADECIMENTOS**

A noção de 'agradecimento', que seria a base da ação de graças, não é habitual ao homem de nossos tempos. Decidir-se por ter um coração agradecido e dar vazão a palavras de otimismo e esperança face ao conturbado mundo utilitarista e individualista em que vivemos não é uma tarefa fácil. Pois, o que é gratidão senão o reconhecimento de que não existe nenhuma possibilidade de retribuição por um benefício recebido? Aprendi ao longo dos desafios da vida que gratidão é a assinatura de Deus inserida em sua obra, que quando enraizada no íntimo do ser humano lhe proporciona alegria, harmonia e saúde emocional, pois, age como a luz da verdade frente à escuridão em que o mundo se encontra. Assim, atendendo o preceito bíblico do salmista: Em tudo dai graças a Deus, eis de começar meus agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me concedeu a vida, a inteligência, a força, a perseverança, o zelo e a proteção para cumprir esta etapa, pois, sem a sua graça esse sonho não teria se tornado realidade.

Em segundo lugar devo prestar minha gratidão à minha família, em especial meus pais: Raimundo Nonato Dutra dos Santos e Maria de Lourdes Barbosa, que abdicaram de muitos de seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu. Ao meu irmão Wellington Barbosa dos Santos, que foi um espelho para mim de humildade, serenidade e de respeito, que custeou esse meu sonho por um ato de amor. Ao meu irmão Wesley Barbosa dos Santos, que nos momentos de tensão me ajudou a sorrir com suas brincadeiras e, em silêncio torceu sempre por mim. A minha irmã Sandra do Socorro por seu carinho e dedicação. Aos meus primos Evilásio Barbosa da Silva, Edevaldo Barbosa da Silva e Fábio André do Santo Barbosa, que muito contribuíram na minha vida acadêmica. As minhas cunhadas Flávia Leite e Leda Martins, que sempre me incentivam com suas palavras recheadas de carinho e otimismo.

Agradeço ao professor Dr. José Assunção Fernandes Leite pela orientação e por sua enorme paciência no percurso de pesquisa e escrita deste trabalho. Ao professor Dr. Helder Passos que pacientemente sempre se dispôs a

me ajudar, com indicações de leituras, bem como, com momentos prazerosos de discussões, que me conduziram ao aprimoramento do meu trabalho e ao resultado almejado.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado acreditando, apoiando e me incentivando principalmente nas horas difíceis. Embora, temendo me esquecer de muitos amigos que tiveram rezando por mim durante todo o tempo em que me dediquei à elaboração deste trabalho; arriscarei citar alguns nomes: Patrícia Sampaio, Ana célia de Freitas, Julieth Coelho, Neurimar Pontes, Ana Paula Coutinho, Silvana Silva, Rosiene Menêzes, Maria Mendes, Luziene Meneses, Maria Barbara, Genicelia Alves, Mauro César e Felipe Maia. Dedico o meu sincero e amoroso agradecimento a todos vocês que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, seja com suas orações, com conversas e, até mesmo, com interferência direta no trabalho.

“Prometi mostrar-te que há um Ser, muito mais sublime do que o nosso espírito. Ei-lo: é a própria Verdade!” *Santo Agostinho.*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo central o estudo do processo de interiorização realizado por Agostinho, pelo qual, o homem se torna capaz de encontrar-se com a Verdade. Agostinho pioneiro do pensamento cristão é considerado, sem contestação, um dos maiores gênios de todos os tempos. Para realizar tal estudo, as principais fontes agostinianas utilizadas foram: A Trindade, O livre-arbítrio, Confissões, A ordem, Comentários ao Gênesis e A grandeza da Alma. Além das obras citadas, também foram utilizadas reflexões de alguns comentadores agostinianos, dentre os quais estão: Etienne Gilson, Philotheus Boehner e Eduardo Antônio Jordão. O percurso trilhado para alcançar tal objetivo perpassa por elementos que estão inseridos no próprio homem, intitulados de: fé, razão e vontade. Tendo em vista a importância dos elementos supracitados para a concretização do ideal humano de encontrar-se com a Verdade, foi realizada uma breve contextualização histórica, que possibilitou: a compreensão dos obstáculos ultrapassados e das motivações que possibilitaram uma relação intrínseca entre fé e razão; o motivo pelo qual a razão é subdividida em razão superior e razão inferior; a importância da primazia da fé sobre a razão; a importância da unidade entre fé, razão e vontade para a vida do homem que busca Deus. Em seguida, foram apresentados os motivos que fizeram do homem a obra mais preciosa aos olhos do Criador, para tal fim, refletiu-se sobre a cosmologia e a antropologia agostiniana. Por fim, a proposta de busca foi apresentada a partir da fragilidade humana, pois, na concepção agostiniana, ao buscar o conhecimento no mundo sensível, o homem se desvia do caminho que o leva ao encontro com a Verdade, ou seja, ao encontro com Deus. Assim, para que possa vir encontrar a Verdade, é necessário que o homem deixe de lado sua materialidade e se volte para seu interior, pois, é no interior do homem que reside sua alma. Por ser a parte nobre do ser humano é somente na alma que a imagem do homem se torna semelhante à de Deus. O encontro com a Verdade se dá na alma humana, mediante a Providência Divina a partir da interiorização do homem que se utiliza da fé, da razão e da vontade.

Palavras-chave: homem, interiorização, retorno, Providência Divina, Verdade.



## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I: A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE FÉ E RAZÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO II: HOMEM – IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS .....</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO III: FÉ, RAZÃO, VONTADE – ELEMENTOS QUE LEVAM O HOMEM A ENCONTRAR-SE COM A VERDADE .....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo da filosofia medieval emergiu no final do Império Romano, a partir de um surpreendente movimento que ajustou a fé cristã ao pensamento clássico. Se hoje pensamos que o estudo da filosofia requer um completo isolamento dos envolvimento da crença religiosa, podemos facilmente nos imaginar no período medieval assumindo a mesma atitude só que ao avesso.

Agostinho (354-430), filósofo, escritor, bispo e teólogo cristão africano, considerado sem contestação, um dos maiores gênios de todos os tempos, foi o responsável por tal reviravolta no pensamento humano. Tal fama se sustenta, por Agostinho ter sido o pioneiro do pensamento cristão, o preceptor dos povos e o orientador dos séculos no que se refere à quebra da cisão entre fé e razão. Com efeito, o ideal filosófico de Agostinho refere-se a um amor da sabedoria que se traduz concretamente em um inconfundível modo de viver associado à procura da verdade como valor supremo ao qual todo homem deve converter-se.

A experiência histórica de Agostinho foi fomentada nas várias escolas filosóficas, nas quais, assistimos o predomínio do Neoplatonismo<sup>1</sup> bem como ao seu fracasso prático diante do iluminado sucesso do Cristianismo. A escolha do neoplatonismo como instrumento útil à inteligência da fé não ocorreu por acaso, haja a vista que, o neoplatonismo era uma doutrina na qual, tinha por fundamento ser uma filosofia de “outro” mundo, que direcionava as almas para a beleza puramente inteligível. Com efeito, a concepção da filosofia como inteligência da fé cristã, é o ponto de um raciocínio complexo, mas coerente, que parte, de um lado, da noção antiga de filosofia como modo de vida e, de outro, de uma avaliação dos efeitos práticos obtidos pelo Cristianismo na história de cada ser humano frente a seu encontro com a Verdade.

Para Agostinho, há duas condições que aliadas possuem o poder de levar o homem a encontrar-se com a Verdade, a saber: a interiorização do homem que se dá por meio de um processo ascensional mediado pela fé, pela razão e pela

---

<sup>1</sup> **Neoplatonismo:** Escola filosófica fundada em Alexandria por Amônio Saccas no século II d.C., cujos maiores representantes são Plotino, Jâmblico e Proclo. O neoplatonismo é uma escolástica, ou seja, a utilização da filosofia platônica para a defesa de verdades religiosas reveladas ao homem *ab antiquo* e que podiam ser redescobertas na intimidade da consciência (cf. ABBAGNANO, 2007, p.826).

vontade; e a Providência Divina. Tais condições nortearão todos os aspectos desta dissertação, desde os que estão ligados à materialidade do homem, quanto os que estão ligados à transcendência deste ser.

No 1º capítulo, o qual tem por tema: A relação intrínseca entre fé e razão, será trabalhada a fé e a razão como elementos integrantes da essência humana; a origem do conflito entre ambas; o encontro entre a filosofia pagã e a fé cristã; a concepção agostiniana do “crer como forma de compreender e o entender como forma de crer”; a autoridade da fé frente à razão; as duas formas de Razão, a saber: razão superior e razão inferior, bem como a relação intrínseca entre fé e razão.

No 2º capítulo, intitulado de Homem – imagem e semelhança de Deus serão abordadas as temáticas referentes à cosmologia e antropologia agostinianas. Sendo assim, será exposta a criação do universo e do homem, levando em consideração a visão de ordem estabelecida por Deus. Em seguida, será enfatizada a natureza do homem; a visão do homem enquanto imagem e semelhança de Deus; a divisão do homem em: homem exterior e homem interior; as criaturas enquanto vestígios de Deus; a questão do “usar” e do “fruir” e, o mal enquanto carência do bem.

O 3º e último capítulo que possui o tema: Fé, razão, vontade – elementos que levam o homem a encontrar-se com a Verdade terá como pano de fundo: os impedimentos que o homem enfrenta para alcançar o fim último de sua existência; o papel da interiorização do homem no que diz respeito ao seu retorno a Deus; a Providência Divina como o cerne deste retorno; a descrição do significado dos termos: fé, razão e vontade e, por fim, será demonstrado que é por meio da união entre fé, razão e vontade e, mediante a graça divina que o homem retorna ao seu estado espiritual, o que possibilita a ele encontrar-se com a Verdade.

## Capítulo I: A relação intrínseca entre fé e razão

A história da humanidade é marcada por inúmeros conflitos que perpassam por questões existenciais e espirituais. Tais conflitos surgem em meio a uma gama de problemas e sentimentos que nascem dentro do próprio homem, pois, florescem em seus corações com questões fundamentais para a sua existência, tais como: Quem sou eu? De onde vim? Porque existe o mal? Qual o sentido da vida? Por serem questões que não possuem uma explicação concreta e objetiva, ficam rondando o universo do pensamento humano sem que este chegue a uma conclusão palpável ou a uma resposta decisiva. Tal indecisão acaba por acarretar no homem sentimentos como a frustração, a impotência e a insegurança, visto que, geram uma atmosfera de dúvida, pois, a sensação que se instaura é a de que não se tem controle da própria vida.

Neste ambiente repleto de rígidos conflitos existenciais e espirituais o homem, por um ato de sobrevivência, segue sua natureza, se apodera do meio em que vive, transformando, assim, sua realidade. Para realizar tal feito, conta com elementos que estão na sua própria essência<sup>2</sup>, que agem como uma força motriz que o impulsiona a seguir em frente, a não desanimar frente às batalhas que lhe são impostas e, a não desistir de realizar seus objetivos. Desta forma, podem ser vistos, como armas que estão à inteira disposição do homem, visto que, estão à mercê de sua própria vontade. Sendo assim, para que possa fazer uso destas armas, basta que o homem consiga percebê-las no íntimo de seu ser.

Os elementos esboçados até o momento de forma analógica são respectivamente a fé e a razão. Foram dados ao homem no ato de sua criação como características peculiares deste ser, visto que, possuem grande importância no que

---

<sup>2</sup> **Essência:** Por este termo, entende-se em geral qualquer resposta à pergunta: o quê? Por exemplo, nas expressões “Quem é Sócrates”? Um “filósofo”, “O que é o homem? Um animal racional” exprimem a essência das coisas a que se faz referência nas respectivas perguntas. Contudo, algumas dessas respostas limitam-se a indicar um caráter (como o de ser filósofo) que o objeto também poderia não ter. Outras, como, por exemplo, a que afirma que o homem é um animal racional, parecem indicar algo a mais, um caráter que qualquer coisa chamada homem não pode não possuir e que, por isso, é um caráter necessário do objeto definido. A filosofia medieval, tem a sua concepção de essência fundamentada nesta segunda resposta que direciona-se à definição aristotélica de essência substancial, pois nela há uma primazia da essência sobre a existência. Para Tomás de Aquino, a essência é tida como necessária ou substancial, ela é a natureza que compreende tudo o que está expresso na definição da coisa; logo, não só a forma, mas também a matéria. (cf. ABBAGNANO, 2007, p.418 - 422)

de refere à evolução humana. Em linhas gerais poder-se-ia pensar que essa evolução relaciona-se apenas com o mundo sensível, isto é, com o mundo material ao qual o homem tem a convicção que pertence, mas, a verdade é que essa evolução está para além deste mundo. A dificuldade que o homem tem de perceber este outro aspecto de sua própria evolução deve-se a fatos que o impedem de, além de se verem como seres materiais, verem-se também como seres espirituais. Os fatos propriamente ditos serão apontados de forma mais clara no decorrer desta dissertação, mas, por hora é válido pensar que estão ligados às intempéries da vida que, por vezes, deixa o homem adormecido dentro de uma parte obscura de seu ser, impossibilitando-o de utilizar a fé e a razão da forma para qual foram criadas.

Conhecedores, pois, da existência destas duas forças, é necessário ressaltar que apesar de estarem inseridas na essência humana, são elementos que estão em territórios diferentes deste ser. O que nos remete à questão de ser material e ser espiritual apontada acima. Enquanto a fé está ligada a uma transcendência, isto é, a algo que se fundamenta no âmbito espiritual, que leva o homem a transcender os limites da experiência possível e, que geralmente têm em sua base uma vivência religiosa; a razão está ligada a uma realidade objetiva que se realiza na vida prática do homem e, que se fundamenta na utilização do logos que “[...] designa a inteligência cósmica ou razão do mundo, princípio fontal do ser e do conhecimento.” (BOEHNER, 1982, p.18). Assim, percebemos que os campos de atuação da fé e da razão, apesar de seu objeto de ação ser o homem, são respectivamente distintos, pois, um lida com o lado espiritual e o outro com o lado racional deste ser.

A fé situa-se na dimensão espiritual<sup>3</sup>, tem sua base em Deus, que segundo a maioria das tradições religiosas, inclusive a tradição cristã, é o criador do universo e de tudo o que nele habita, por ser Ele o fundamento de tudo, a fonte de tudo o que há de excelente no mundo, sobretudo, no mundo humano. A razão, como o nome já sugere, situa-se no lado racional, ao que definimos como intelecto. Tem

---

<sup>3</sup> A fé é o elo que religa todas as coisas. Por ser um fundamento espiritual, orienta-se pela experiência profunda, inovadora e surpreendente do encontro com Deus “O ser por excelência, Primeiro Princípio e origem de todo ser. Ele é o incondicionado; não foi e não será Ele é, pura e simplesmente, graças à sua transcendência ao tempo e à mudança. Não é limitado por coisa alguma, mas é o limite de todas as coisas. E de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo todas as demais coisas provêm dele e existem por Ele. Só Ele é necessário e infinito” (BOEHNER, 1982, p.).

em sua base o referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação, isto é, a investigação. É uma faculdade própria do homem que o distingue dos animais (esta visão será mais bem abordada no capítulo seguinte) e, tem como característica explicar a totalidade das coisas sem excluir partes ou momentos dela. O objetivo da razão é chegar ao conhecimento verdadeiro, isto é, à essência de todas as coisas através do logos.

Talvez se possa objetar após esta breve explicação sobre fé e razão, que por estarem localizadas em campos de atuação tão diferentes, são especificamente antagônicas e, que devido a isso, são incapazes de se relacionarem. Mas, a verdade é que há um ponto de extrema cumplicidade entre elas, pois, tanto uma quanto a outra possuem a mesma finalidade, que é conduzir o homem ao encontro da Verdade<sup>4</sup>. Portanto, se as finalidades de ambas estão centradas em um mesmo fim, podemos concluir que há possibilidade de colaboração entre fé e razão sim, pois, seus resultados são compatíveis. Na verdade podemos até dizer que são complementares porque, apesar de trilharem caminhos diferentes seguem em direção a um mesmo objetivo.

Os caminhos que fé e razão trilham se distinguem no método e na linguagem com que são abordadas. Essa distinção não é ruim, pois, devido à utilização de métodos diferentes acabam por tornarem-se aliadas no cumprimento de sua missão. A ação de usar diferentes métodos e linguagens para alcançar seu objetivo final, permite com que a fé e a razão lancem mão de um olhar revelador sobre os fundamentos que se dispuseram investigar. Ora, a compreensão desta relação intrínseca entre fé e razão é de suma importância para o homem, pois, a ação conjunta das mesmas é capaz de levá-lo a um conhecimento perfeito.

Todavia, não se pode deixar totalmente de lado, ou invalidar a visão de que fé e razão caminham em direções opostas, onde uma sempre é subjugada à outra e, que por isso vivem em intenso conflito, pois, não se trata de uma querela recente. Tal concepção nos foi transmitida desde o início da história da humanidade,

---

<sup>4</sup> A forma metafísica ou teológica afirma que a Verdade se revela em modos de conhecimento excepcionais ou privilegiados, por meio dos quais se torna evidente a essência das coisas, seu ser ou o seu princípio (Deus). (cf. ABBAGNANO, 2007, p.1184)  
A noção da Verdade é central em Agostinho, pois, constitui o fundamento da doutrina da sabedoria. “[...] será a sabedoria outra coisa a não ser a verdade, na qual se contempla e se possui o sumo Bem, ao qual todos desejamos chegar, sem dúvida alguma.” (AGOSTINHO, 1995, p. 106-107).

ou pelo menos desde o momento em que passaram a ser fonte de estudo do homem. Portanto, é importante debruçar-se sobre esta visão, visto que, trata-se de um caminho da evolução humana, que faz parte de um processo entre passado, presente e futuro e, que justamente por isso permitiu a humanidade chegar à atualidade com uma visão mais clara de tudo, principalmente no que se refere à sua subjetividade.

Historicamente, podemos dizer que o conflito entre fé e razão, surgiu desde o momento da passagem do mito para a filosofia. Por ser de grande relevância este período de transição do pensamento para a compreensão do homem frente ao mundo que o cerca, tornou-se necessário abrir um pequeno parêntese que terá como objetivo explicar de forma breve os termos mito e filosofia. Por ser o primeiro na ordem cronológica da história, iniciaremos com a definição de mito e, em seguida passaremos para a definição de filosofia. Por mito entende-se a narrativa de significação simbólica, podendo ser definido também como a forma mais remota de crença, uma vez que, faz parte do sistema religioso de uma cultura que os considera como histórias verdadeiras. Por sua vez, filosofia significa “amor à sabedoria” ou “amizade pelo saber”. Sendo que, por sabedoria não se entende somente a prudência nas coisas, mas, sobretudo um perfeito conhecimento que o homem pode possuir, tanto para a conduta de sua vida quanto para invenção de todas as artes, por isso, a filosofia pode ser caracterizada como o estudo racional da realidade.

Tendo feito as considerações gerais dos termos supracitados, que servirão de pano de fundo para examinarmos de maneira mais direta a relação conturbada entre fé e razão, voltemos a nos ater a questão principal, ou seja, a transição do pensamento mítico para o filosófico como causa primeira do conflito entre fé e razão. Ora, como foi ressaltado acima, é precisamente no período de transição entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico que acontece o primeiro embate entre a fé transmitida pela religião mítica e a razão. Este embate ocorre por conta da forma como o mito tendia a explicar os fenômenos do mundo, inclusive os que estavam direcionados à vida do homem. Tal explicação se dava através de histórias fabulosas advindas das autoridades religiosas que as narravam de maneira que, tudo o que acontecia era explicado em função das intervenções dos

deuses<sup>5</sup>. Desta forma, percebe-se a base do antropomorfismo<sup>6</sup> latente na doutrina mítica, pois, a crença era fundamentada em entidades divinas que se personificavam através de atributos humanos ou nas forças da natureza.

Com o passar do tempo, esta forma de explicação já não era suficiente para esclarecer as dúvidas que surgiam no homem, pois, impulsionado pelo desejo de descobrir a Verdade última da existência, começou a procurar adquirir conhecimentos universais que permitiam uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo. A partir do momento que despertou para esta busca, o homem percebeu que através dos mitos já não conseguiria adquirir tal conhecimento, pois, os critérios utilizados pelos mitos não possibilitava a confecção de argumentos sólidos. Há que ressaltar, porém, que esta mudança do ato de pensar humano, não ocorreu em um estalar de dedos, houve determinadas condições, isto é, pontos específicos que a tornou passível de acontecer. Dentre os pontos que contribuíram de forma mais relevante para tal mudança e, que acabaram por levar ao surgimento da filosofia enquanto alternativa para o pensamento mítico está a redescoberta da escrita<sup>7</sup>, o desenvolvimento do comércio marítimo, a invenção e o uso do calendário, o nascimento da *polis* e a consolidação da democracia.

Dissertar sobre cada um destes acontecimentos da história requereria um tempo maior e que não parece conveniente para este trabalho, porém, vemos a necessidade de fundamentar a questão exposta. Por isso, tomaremos como exemplo a criação do calendário, acreditando que por meio de tal explicação conseguiremos ao menos propiciar ao leitor certo grau de esclarecimento. Bem, antes da implantação do calendário no seio da sociedade, todos os

---

<sup>5</sup> De acordo com os gregos, os deuses habitavam o topo do Monte Olimpo, principal montanha da Grécia Antiga. Deste local, comandavam o trabalho e as relações sociais e políticas dos seres humanos, eram imortais, porém possuíam características de seres humanos, ou seja, eram “forças naturais personificadas em formas humanas idealizadas” (REALE, 2003, p 08).

<sup>6</sup> **Antropomorfismo:** Indica com esse nome a tendência de interpretar todo tipo ou espécie de realidade em termos de comportamento humano ou por semelhança ou analogia com esse comportamento. “Crenças antropomórficas” ou “antropomorfismos” são chamadas, em geral, as interpretações de Deus em termos de conduta humana. Uma crítica desse Antropomorfismo já foi feita por Xenófanes de Colofonte. “Os homens”, disse ele, “crêem que os deuses tiveram nascimento e que tem voz e corpo semelhantes aos deles” (Fr. 14, Diels); por isso, os etíopes fazem os seus deuses de nariz chato e negros; os trácios dizem que eles têm olhos azuis e cabelos vermelhos; até os bois, os cavalos, os leões, se pudessem, imaginariam os seus deuses à sua semelhança (Fr. 16,15). (ABBAGNANO, 2007, p. 77-78).

<sup>7</sup> **Escrita:** fixa a palavra para além de quem a proferiu, o que acaba por exigir maior rigor e clareza, estimulando assim o pensamento crítico. Dessa forma, a escrita traz maior possibilidade de abstração, de uma reflexão aprimorada.



incompreensíveis fenômenos naturais, tais como as mudanças climáticas e as catástrofes naturais eram explicadas através dos deuses, ou seja, eram entendidas como castigo dos deuses pelas ofensas e desobediências humanas. Com o surgimento do calendário, esta visão começa a ser questionada, pois, para que houvesse uma fundamentação teórica na composição do calendário, foi realizado um estudo dos astros e, foi por meio deste estudo que se atestou que os fenômenos dependiam do ciclo da natureza, das estações do ano e não da vontade dos deuses como se acreditava anteriormente.

Ora, a explicação racional de fatos como este, libertou o homem de uma prisão que se fundamentava na própria crença deste ser, esta libertação acabou por proporcionar a mudança do olhar humano frente à explicação mítica. Pois, devido a esse novo jeito de explicar os acontecimentos naturais houve certa depreciação da visão estabelecida pelo mito o que acarretou, conseqüentemente, no seu declínio. Com a perda da importância e da credibilidade (embora não tenha desaparecido por completo), o mito vai cedendo espaço para novas formas de ver o mundo, isto é, para formas que guiavam e incentivam o homem a buscar explicações dos acontecimentos no que se refere ao universo, ao mundo e a si mesmo na argumentação racional.

A principal forma de estudo que contribuiu para essa mudança de pensamento humano foi à filosofia, pois, foi por meio dela que o homem começou a descortinar seu olhar. Assim, alguém poderia perguntar: Por que o homem sentiu a necessidade de buscar a compreensão do mundo que o cerca? Por que sentiu a necessidade de filosofar? Ora, por natureza todos os homens aspiram ao saber, portanto, tendem ao saber por sentir-se maravilhados com o mesmo, por estar enraizado dentro de seu ser. Foi por meio de este maravilhar-se humano, que a filosofia foi ganhando adeptos e seguidores na mesma proporção em que cresceu a busca por explicações e respostas racionais, ou seja, a partir do momento em que o pensamento humano começou a se tornar lógico, metodológico e científico.

Tendo em vista essas considerações, não é difícil entender o motivo pelo qual se instaurou a visão de que fé (e tudo o que diz respeito a ela) e razão são antagônicas, pois, sempre que há um rompimento no que se refere a linhas de pensamentos tem-se o sentimento que existe entre elas certa rivalidade, ou seja,

certa oposição. É precisamente devido a este sentimento de contrariedade e de oposição que este embate se consolida, muito embora a filosofia ao questionar a religião mitológica e, conseqüentemente a fé exercida na época, não o tenha feito para depreciar a divindade em si, mas por conta da essência do ato religioso transmitido pelos mitos.

Esboça-se desta forma que o objetivo da filosofia estava centrado na verificação crítica daquilo em que se acreditava, em purificar a mente humana da concepção que estes tinham sobre Deus<sup>8</sup> devido à influência adquirida pelos mitos. O objetivo da filosofia estava centrado em demonstrar a ligação, embora fragmentada, entre fé e razão. Assim, para tal esclarecimento o Pontífice João Paulo II<sup>9</sup> afirmou em sua Carta Encíclica *Fides Et Ratio* ( Fé e Razão):

De fato, um dos maiores cuidados que tiveram os filósofos do pensamento clássico foi purificar de formas mitológicas a concepção que os homens tinham de Deus. Bem sabemos que a religião grega, como grande parte das religiões cósmicas, era politeísta, chegando a divinizar até coisas e fenômenos da natureza. Os pais da filosofia tiveram por missão mostrar a ligação entre a razão e a religião. Estendendo o olhar para os princípios universais, deixaram de contentar-se com os mitos antigos e procuraram dar fundamento racional à sua crença na divindade (JOÃO PAULO II, 1999, p. 51- 52).

Após tal esclarecimento, percebe-se que o problema visto pela filosofia, não estava na essência da divindade, mas em como aqueles que detinham o poder se utilizavam da crença cega dos homens para ludibria-los, fazendo da divindade um meio para tal fim. O fato é que esta relação conturbada entre fé e razão iniciou-se com a derrocada da explicação mítica frente à explicação racional da filosofia e, seguiu por um longo período da história da humanidade, que passou por várias correntes filosóficas, e só começou a perder o aspecto de cisão no período denominado de Filosofia Medieval<sup>10</sup>, que é caracterizado pela filosofia cristã.

---

<sup>8</sup> A palavra Deus está exposta com letra maiúscula, devido estar sendo relacionada ao Deus cristão, já que a citação que encerrará o desfecho do parágrafo é feita por um Papa da Igreja Católica.

<sup>9</sup> **João Paulo II (1920-2005):** foi Papa da Igreja Católica Apostólica Romana. Teve papel importante para o fim do comunismo na Polônia e em vários países da Europa. Teve o terceiro maior pontificado, que iniciou em 16 de outubro de 1978 e só terminou em 02 de abril de 2005 com sua morte, permanecendo 26 anos como soberano da Cidade do Vaticano. De origem polonesa foi o único papa não italiano depois do holandês Adriano VI em 1522. ([www.e-biografias.net/joao\\_paulo\\_ii](http://www.e-biografias.net/joao_paulo_ii)).

<sup>10</sup> **Filosofia Medieval:** “Nesse período nasce e se desenvolve o pensamento cristão, que tenta formular racionalmente o dogma da nova religião e defini-lo à luz da razão, com categorias derivadas

Deve-se assinalar, que embora tenha havido de forma acentuada uma cisão entre fé e razão ao longo da história, o estudo do período medieval mostra que o anúncio cristão se encontrou, desde os seus primórdios, com as correntes filosóficas do seu tempo. Tal afirmação refere-se à discussão estabelecida entre Paulo<sup>11</sup> e alguns filósofos epicuristas<sup>12</sup> e estóicos<sup>13</sup>.

Até mesmo alguns filósofos epicureus e estóicos o abordavam. E alguns diziam: “Que quer dizer este palrador?” E outros: “ Parece um pregador de divindades estrangeiras”. Isto, porque ele anunciava Jesus e a Ressurreição. Tomando-o então pela mão, conduziram-no ao Areópago, dizendo: “Poderíamos saber qual é essa nova doutrina apresentada por ti? Pois são coisas estranhas que nos trazes aos ouvidos. Queremos, pois, saber o que isto quer dizer” (ATOS DOS APOSTOLOS, 17,18-19).

A análise deste discurso ocorrido no Areópago evidenciou o encontro da filosofia grega com a fé cristã. Certamente deste encontro surgiu mesmo que de forma tímida uma relação de proximidade entre fé e razão, visto que, devido o discurso filosófico ser contraposto à concepção mítica da divindade, que já tinha se degenerado em idolatria, fica perceptível que Paulo utilizou-se da ideia de divindade proposta pelos filósofos. Com efeito, ao discursar para os pagãos, Paulo percebeu que não poderia fazê-los compreender a mensagem cristã utilizando-se somente das mensagens dos profetas, ou seja, da linguagem da fé, era preciso utilizar-se também da voz da consciência moral de cada homem, servindo-se do conhecimento natural de Deus que possuíam.

---

dos filósofos gregos.” (cf. REALE, 2003, p. 14). Todavia, é necessário salientar que essa visão de unidade entre fé e razão não é uma visão aceita em todo o período da Idade Média, pois, para os pensadores medievais tardios como Tomás de Aquino (1225-1274) e Guilherme de Occam (1285-1349), há uma clara distinção entre filosofia e teologia, que nos permite separar as ideias filosóficas do resto de seu pensamento a partir de uma base fornecida por eles próprios.

<sup>11</sup> **Paulo:** no princípio foi perseguidor implacável da jovem Igreja cristã; teve conversão súbita, no caminho de Damasco, devido à aparição de Jesus ressuscitado, que, ao lhe manifestar a verdade da fé cristã, indicou-lhe sua missão especial de Apóstolo dos gentios.

<sup>12</sup> **Epicuristas:** refere-se aos homens que participavam do Epicurismo - “Escola filosófica fundada por Epicuro de Samos no ano 306 a.C. em Atenas. Suas características, que têm em comum com as demais correntes filosóficas do período alexandrino a preocupação de subordinar a investigação filosófica à exigência de garantir a tranquilidade do espírito ao homem, são as seguintes: 1º Sensacionismo; 2º atomismo; 3º semiateísmo” (cf. ABBAGNANO, 2007, p. 390).

<sup>13</sup> **Estóicos:** refere-se aos homens que participavam do Estoicismo – “Uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, assim chamada pelo pórtico pintado (*Stóia pikíle*) onde foi fundada por volta de 300 a.C., por Zenão de Cício.” (cf. ABBAGNANO, 2007, p. 437).

Não se pode esquecer, porém, que quando se menciona este movimento de aproximação da mensagem da fé cristã à mensagem filosófica, há certa cautela dos primeiros cristãos, pois, olhavam elementos da cultura pagã, como, por exemplo, a gnose, com certa desconfiança. Por a filosofia ser vista como sabedoria prática, podia ser confundida com um conhecimento de tipo superior, quanto a isso Paulo advertia: *“Tomai cuidado para que ninguém os escravize por vãs e enganosas especulações da “filosofia”, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo”* (Colossenses, 2,8).

A explanação de tal desconfiança só confirma que o encontro entre fé (referindo-se à tradição cristã) e a razão (referindo-se à filosofia) não configurou de imediato uma relação harmoniosa. É, pois, com Agostinho de Hipona, filósofo e teólogo cristão que, a cisão entre fé e razão começa a ser minimizada. Tal feito ocorre quando Agostinho eleva a compreensão como forma de crer e o crer como forma de compreender. Neste sentido sua breve afirmação: *“a fé busca, o entendimento encontra”* (AGOSTINHO, 2008, p. 481), acabou por introduzir no homem uma noção de Deus alheia à filosofia de até então, e o fez de um modo que caracterizou certa continuidade da tradição filosófica, pois, ao desenvolver o pensamento cristão, procurou formulá-lo à luz da razão.

Evidencia-se, assim, que Agostinho não se propôs apenas a mover-se no interior do cristianismo e de sua experiência religiosa, mas buscou dialogar com a tradição greco-romana e seus grandes autores, procurando estabelecer uma inteligência religiosa, que se valia do discurso racional para aproximar-se progressivamente do valor religioso fundamental, isto é, de Deus. Abriu-se, assim, com o doutor de Hipona um novo caminho para o pensamento humano, repleto de novas perspectivas, que não se tinha em primeira instância, como saber se seriam problemáticas ou não.

Todavia, pode-se imaginar que muitos questionamentos logo começaram a anunciar ao homem o que estaria por vir, pois, o aparecimento de uma visão que rompe com a concepção vigente sempre gera certa complexidade, pois, tudo o que é novo trás em si certa desconfiança. Assim, questionamentos como: o que esse conhecimento adquirido à luz da fé de fato significa? E, como agir na vida cotidiana levando em consideração a unicidade entre fé e razão, haja vista que, sempre a

tomaram como divergentes? Tornaram-se um problema, que veremos como Agostinho os solucionou ao longo desta dissertação.

A primeira medida tomada por Agostinho para solucionar tais questionamentos foi fixar a sua visão de que há uma dupla maneira de aprender “*É duplo o caminho que seguimos quando a obscuridade das coisas nos atinge: ou a razão ou a autoridade*” (AGOSTINHO, 2008, p. 212), haja a vista que, a cisão existente entre fé e razão começou a se consolidar justamente por conta da posse da transmissão do conhecimento. Ao mostrar que tanto a fé quanto a razão possuíam a sua importância frente a esta transmissão, deixou claro que não haveria mais motivos para continuar com tal contenda, ou seja, com essa separação. Porém, Agostinho ressaltou que há uma primazia da autoridade divina frente à razão, por isso afirmou: “*Mas existe a autoridade divina e a autoridade humana: mas a verdadeira, sólida e suprema é a que se denomina divina*” (AGOSTINHO, 2008, p. 225).

Dessa forma, Agostinho buscou demonstrar que a autoridade divina se sobrepõe à razão. Segundo sua concepção, ninguém consegue aprender se não se dispõe a acreditar naquilo que lhe ensina, por isso, aprender significa dar credibilidade ao testemunho dado por alguém. Contudo, é importante salientar que a autoridade divina no pensamento agostiniano jamais caminhou totalmente desprovida da razão, isto é, do entendimento, pois aquele que assente deve sempre considerar Aquele (referência ao Deus cristão) que se deve crer. Desta forma, no momento em que o homem examina em quem e em que deve crer, deixa óbvio que há uma atividade da razão que consiste no discernimento do que é confiável, por isso, a razão é assim, o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexões entre as coisas que se conhecem.

Como se vê, Agostinho não depreciou o trabalho da razão dentro de sua esfera própria, pois, para ele, a razão tem a importante missão de fortalecer a fé na medida em que a torna mais clara. Apenas a conduziu de maneira diferente, pois, lançou um olhar sobre a razão antes nunca visto e, este novo olhar ocorreu por que constatou que há uma hierarquia no que se refere ao conhecimento humano. Tal hierarquia perpassa pelos sentidos externos, internos e chega à razão. Mas, percebeu também que essa hierarquia não se finda na razão, pois, vê que acima da

razão está Deus, que a julga e a modera. Toda essa escala a qual o homem percorre para se desenvolver, fez com que Agostinho reconhecesse o importante papel da razão frente aos sentidos corporais, tal como a importância das realidades das quais ela dispõe para exercer-se devidamente. Contudo, Agostinho advertiu que é imprescindível que a própria razão se dê conta de sua limitação, percebendo e reconhecendo que há um Ser que está acima dela.

Se, pois, sem a ajuda de órgão algum corporal, nem do tato, nem do paladar, nem do olfato, do ouvido ou dos olhos, nem por sentido algum que seja inferior a essa dita razão; mas por si mesma, ela percebe algo de eterno e imutável, é necessário que a dita razão se reconheça, ao mesmo tempo, inferior a essa realidade e que esse Ser seja o seu Deus (AGOSTINHO, 1995, p.93).

Em virtude do exposto e da sua experiência humana e cristã, Agostinho observou que há duas formas de razão, onde as denominou respectivamente de razão superior e razão inferior. Que são por assim dizer, como dois ofícios da mente humana, que tem a missão de propagar o bem do conjunto, ou seja, de levar o homem a perceber as razões eternas no mundo corpóreo. Segundo Agostinho, como não foi possível encontrar dentro do homem uma substância que fosse compatível com a razão, foi necessário dividi-la. Vejamos sua explicação no trecho a seguir:

Assim como dentre todos os animais não foi encontrado para o homem uma auxiliar semelhante a ele, senão a parte que dele foi tirada para ser formado o casal, assim também para a nossa mente, pela qual nos ocupamos da verdade transcendental e íntima, não se encontra uma auxiliar semelhante entre as partes da alma que temos em comum com os animais que seja apta para o trato com as coisas corporais como o exige a natureza humana – não a ponto de romper a unidade, mas como delegado para colaborar no bem do conjunto – é repartido para os encargos de sua ação própria (AGOSTINHO, 2008, p. 367).

Com efeito, tal divisão deixa bem nítida o papel que cada uma dessas razões tem que cumprir para que aconteça de fato a realização do seu objetivo final, a saber: levar o homem a encontrar-se com a Verdade. Cabe aqui um questionamento, visto que, por um lado da mente aderimos à Verdade superior inteligível e imutável e, por outro somos destinados ao trato com as coisas sensíveis e mutáveis, o que de fato há de relevante nesta divisão da razão frente à sua relação com a fé? Vimos ainda pouco que na divisão da razão, uma fica destinada

às coisas superiores e a outra às coisas inferiores, o que não quer dizer que cada uma deve seguir seu caminho de forma a não contribuir com a outra. Pelo contrário, o que de fato deve acontecer é uma interação entre as duas razões. Logo, o homem deve utilizar-se da razão inferior, ou seja, daquilo ao qual ela é destinada para ascender à razão superior.

A não realização desta relação de interação entre razão superior e razão inferior, implicaria em uma vivência negativa para a humanidade, visto que, todos os homens são destinados a transcender-se até chegar a Deus. Se por acaso apenas parte dos homens optassem por viver direcionados pela razão superior, isso significaria que apenas estes homens elevar-se-iam ao grau de perfeição ao qual foram destinados, pois, estariam tendendo para aquilo que independe de sua própria individualidade, ou seja, Deus. Ao passo que os homens que se voltassem para as coisas sensíveis, para aquilo que lhe é inferior, que pode lhe trazer proveito momentâneo, mas que não pode proporcionar sua evolução espiritual viveria longe de sua perfeição e por conta disso, longe da plenitude de Deus.

Isto implica dizer que a razão superior sucede e depende da fé, pois, consiste na tentativa de compreender o mistério da fé até onde é possível neste mundo e, é precisamente deste tipo de razão que nasce o filosofar na fé em Agostinho. A razão inferior, por sua vez, precede a fé, pois consiste no exame das formas sensíveis para assim definir o que se deve crer, neste caso, julga ser a razão suficiente para tudo compreender, sem haver nenhuma necessidade de ter ajuda da luz da fé. Com efeito, é importante perceber que só há possibilidade de existir um diálogo harmonioso entre fé e razão, se esta conexão for realizada entre a razão superior e a fé, onde de um lado estará o conhecimento filosófico que tende para a Verdade e, que além de auxiliar a compreensão das verdades da fé, admite como necessário o que a própria fé apresenta e, do outro o conhecimento teológico e transcendente, que eleva o homem ao seu fim último.

Importa sublinhar também que, o encontro harmonioso entre estas duas formas de conhecimento de que o homem dispõe, pressupõe ainda a livre vontade de este ser buscar o conhecimento verdadeiro. Pois, como já foi possível observar o homem por meio da faculdade da razão pode escolher buscar ou não o encontro com a Verdade e, esta escolha é pessoal e intransferível. Por um ato livre da

vontade o homem pode escolher viver contentando-se com a realidade que o cerca, apoderando-se das coisas mutáveis e se ausentando da presença de seu eu interior, ou pode orientar-se pela descoberta de uma realidade que ultrapassa a sua razão, e que, por conseguinte, deve ser buscada no íntimo de seu ser, visto que o caminho para a Verdade começa pela busca do seu eu interior, da sua própria essência.

O reconfortante nesta história é que a relação existente entre fé e razão nasce justamente da dificuldade que o homem tem de voltar-se para o seu interior. De silenciar o próprio eu para alcançar um grau de meditação capaz de elevá-lo a uma transcendência, a uma realidade superior que está para além do mundo que o rodeia. Mas, porque o homem tem tanta dificuldade em voltar-se para si mesmo? Encontrar-se consigo mesmo requer deixar de lado as certezas que possui, para só depois procurar as respostas que precisa, e isso não é algo fácil de realizar, pois requer sair de sua zona de conforto e adentrar em um mundo novo, alheio a tudo que se julga conhecer.

Neste sentido, a fé e a razão agem como um bálsamo, pois, são dons dados à humanidade por Deus com o fim de levar a alma humana a um encontro consigo mesma e, conseqüentemente, com a Verdade. Contudo, este encontro só tem possibilidade de acontecer, segundo a visão agostiniana, mediante a relação intrínseca entre fé e razão. Para o doutor de Hipona, a ação humana levada a experimentar a vida tomando fé e razão de forma separada, acarreta em uma vida cheia de perturbações e dificuldades. Já que, permite aos homens envolverem-se por um lado aos desejos e prazeres carnis e, por outro a uma vida cheia de crenças infundadas. Devido a essa concepção, a fé deve levar à perfeita compreensão e o homem deve buscar constantemente o esclarecimento da mesma por meio da razão.

Se observarmos a vida de Agostinho, perceberemos que ele é prova viva de sua teoria, pois, em sua juventude ao caminhar apenas sob o amparo da razão (muito embora logo em seguida sofresse com o martelar de sua consciência) vivenciou situações de intensa desordem sob a ação da carne, o que deixou nítido no seguinte trecho de sua obra:



Quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnis da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus. [...] Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou-se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens (Agostinho, 2000, p.63).

É em consequência das angústias sentidas no íntimo de seu ser por cada atitude tomada de forma desordenada e irrefletida, que Agostinho passou a buscar a Deus de forma prioritária, utilizando-se, sobretudo da fé e da razão. Chegou à conclusão que *“Deus é a bondade absoluta e o homem é o réprobo miserável condenado à danação eterna e só recuperável mediante a graça divina”* (AGOSTINHO, 2000, p. 20). Assim, podemos observar que desde o momento que se voltou para a busca da Verdade eterna, Agostinho percebeu a fragilidade humana frente à grandeza de Deus. Por isso, se propôs a atingir pela fé, o entendimento daquilo que é inacessível aos olhos humanos. Vinculou, assim, tudo o que lhe foi transmitido através dos livros antecedentes sobre a sabedoria com a doutrina teológica, pois, seu impulso era feroso para entender.

Para alcançar o entendimento, percebeu que a fé, não apenas iluminava, mas também purificava e transformava a vida de quem a possuía. Desta forma, seguindo o pensamento agostiniano, percebemos que o ato de crer não é um simples movimento afetivo do homem para com Deus. Crer implica antes de tudo, em uma entrega total a Deus, conformando a própria vida às verdades que Ele revelou. Porém, porque o homem é o detentor da racionalidade a fé deve ser coerente com a razão sem, contudo, reduzir-se totalmente a ela. Por isso, Agostinho sustentou que a fé deve estar alicerçada pelo entendimento que provém do ato de inteligência, pois, ainda que ela seja a autoridade no campo espiritual, não pode ser um empecilho para o homem refletir sobre o conteúdo de suas crenças. A partir desta concepção, percebemos que para Agostinho, a fé recebeu da razão toda a clareza necessária para a sua autocompreensão, ao passo que a razão ganhou estímulo e impulso da fé, pensamento totalmente inovador para a sua época.

Compreende-se, em vista disso, que a fé estimula e promove a inteligência, pois, na verdade a própria fé faz com que o homem tenda a refletir. A fé pressupõe a inteligência, pois, consiste antes de tudo, em um pensamento que

assente, o que não equivale a dizer que, a inteligência não é importante, pois, sem o pensamento racional não poderia haver uma fé convicta. Viver de forma que haja uma separação entre estes dois pontos cruciais para o conhecimento do homem no que tange ao seu encontro com a Verdade pode significar, assim como no passado, uma ruptura com a Sabedoria eterna. Pois, se o homem deixar de lado a fé, tende a cair em uma das muitas formas existentes do racionalismo<sup>14</sup>, ou ainda em um ceticismo<sup>15</sup> e, por outro lado, abdicar da razão tende a cair em alguma forma de fanatismo religioso.

A maneira mais eficaz de que o homem dispõe para encontrar as respostas para as suas inquietações e, assim, chegar à Verdade é utilizar-se destas duas ferramentas que lhe foram dadas como dons, de forma conjunta. Por isso, João Paulo II afirmou: *“A Fé e a Razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da Verdade”* (JOÃO PAULO II, 1999, p. 05).

É fundamental, portanto, conciliar no seio da humanidade, as duas ordens de conhecimento, ou seja, o que se conhece pela autoridade (fé), e o que se conhece pela razão. Segundo o doutor de Hipona, esta é a única forma eficaz que o homem possui para dar os primeiros passos rumo ao conhecimento da Verdade. Tendo em vista que a Verdade só se permite encontrar mediante um ato consciente de interiorização, no qual a razão toma consciência da presença de algo que lhe é superior, assumindo assim, suas limitações e buscando na fé a força necessária para preencher o vazio que lhe incomoda. O simples desejo de conhecer este algo que é superior à razão, já pressupõe no homem algum saber prévio dele, visto que, todo desejo de conhecer é uma espécie de amor por algo que conhecemos, mas que não possuímos. Todavia, este conhecimento prévio não pode servir de empecilho para o homem chegar ao seu verdadeiro objetivo que é alcançar a Verdade última de tudo. Para alcançar tal fim, o homem precisa superar as barreiras

---

<sup>14</sup> **Racionalismo:** Em geral, a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para a determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo. (cf. ABBAGNANO, 2007, p. 967).

<sup>15</sup> **Ceticismo:** Com esse termo, que significa busca, entende-se a tese de que é impossível decidir sobre a verdade ou a falsidade de uma proposição qualquer. Ceticismo não tem nada a ver com relativismo ou com as doutrinas segundo as quais tudo é verdadeiro ou tudo é falso, uma vez que estas pretendem fornecer um critério de decisão que o Ceticismo nega existir. Sexto Empírico definiu com muito rigor a natureza do Ceticismo ao afirmar que o princípio fundamental do Ceticismo é o seguinte: “A toda razão opõe-se uma razão de igual valor”. (cf. ABBAGNANO, 2007, p. 151).

que o impedem de se aproximar-se de seu objeto de contemplação, o que não é algo fácil, já que por ser uma criatura mutável, cheia de vontade o homem é um ser muito inconstante e essa inconstância o torna vulnerável aos seus desejos.

Conclui-se que estas duas dimensões, fé e razão são os fundamentos que podem levar o homem a ultrapassar sua vulnerabilidade. Portanto, não podem separa-se nem contrapor-se, deve na verdade estar sempre unidas, pois a fé e a razão são as forças que nos levam a conhecer. A famosa frase de Agostinho: “Crer para compreender e compreender para crer”, é a prova cabal disso, pois abre as portas para uma espiritualidade que busca a Verdade e que a investiga para poder encontrar Deus, e assim, crer. O que implica dizer que, o crer para compreender abre o caminho para que o homem possa cruzar a porta da Verdade e, o compreender para crer investiga a Verdade para poder encontrar a Deus e crer. Assim, o desejo da Verdade impele a razão a ir sempre mais além, esta fica embebecida pela constatação de que pode ultrapassar a sua capacidade, uma vez que é sempre maior do que aquilo que alcança. E, é este mesmo desejo pela Verdade que faz com que a fé atinja seu apogeu, isto é, a contemplação da suprema Sabedoria.

Portanto, para Agostinho a harmonia entre estas duas dimensões significa, sobretudo que Deus não está longe do homem, está na verdade mais perto deste do que ele mesmo. Agostinho, em um drama pessoal deixa bem claro tal concepção. “Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco!” (AGOSTINHO, 2000, p. 285). Tal citação abre as portas para o ponto chave de encontro entre fé e razão, que nada mais é que o próprio homem, visto que, o homem é a única criatura que possui em sua essência estes dois elementos. O foco principal da ação divina está centrado no homem, por isso, a partir deste momento se iniciará uma reflexão sobre este ser tão intrigante e complexo, que passará pelas bases cosmológicas e antropológicas da doutrina agostiniana. Partindo do estudo dessas concepções poder-se-á compreender o motivo pelo qual o homem é superior às demais criatura e, conseqüentemente o porquê dele ser tão caro aos olhos do Criador a ponto deste lhe presentear com a fé e a razão.

## Capítulo II: Homem - imagem e semelhança de Deus

O que dizer sobre o homem? Parece difícil discorrer sobre as questões inerentes ao homem enquanto ser, apesar de ao longo da história da humanidade diversas teorias já terem sido elaboradas sobre ele. Tais estudos foram bem sistematizados na Teoria do Conhecimento, na Antropologia e na Psicologia, onde cada uma dessas disciplinas, seguindo sua própria linha de pesquisa, tentou de alguma forma compreender as particularidades do homem, para quem sabe assim, chegar a uma compreensão de sua totalidade. Assim, a Teoria do Conhecimento ocupou-se em buscar a origem, a natureza, o valor e os limites do Conhecimento; a Antropologia procurou estudar a origem, a evolução da humanidade e o aspecto biológico dos seres humanos; a Psicologia preocupou-se com os processos mentais que estão por detrás do pensamento. Embora tais teorias não tenham conseguido alcançar seus propósitos em sua totalidade, não foram vãs, pois apesar de não terem chegado a uma conclusão decisiva sobre o ser do homem, conseguiram ao menos clarear pontos fundamentais que rodeiam a natureza, a vida e a essência deste ser.

Agostinho, assim como muitos estudiosos, também não hesitou em debruçar-se sobre a questão do homem e de tudo o que o rodeia. Em obras como: *O Livre-arbítrio (1995)*, *Comentário ao Gênesis (2005)*, *A Trindade (2008)*, *A Grandeza da Alma (2008)*, *Confissões (2000)* entre outras, demonstrou bem seu interesse. Nas referidas obras, Agostinho se propôs a investigar sobre a origem do mal que rodeia a humanidade, a prova da existência de Deus, a relação do homem com Deus, a vontade livre do homem, as questões inerentes à alma humana, a Providência Divina frente à face dos seres criados e, sobretudo, o método da ação divina no que tange aos atos da criação.

O aprofundamento nas concepções do Bispo de Hipona que se referem ao homem, de acordo com o estudo das obras citadas acima, leva-nos a perceber que para se entender o papel da existência humana e, conseqüentemente, o homem em si, tornar-se necessário antes de tudo, reportar-se mesmo que de forma breve, a visão de mundo como um todo ordenado e governado por Deus. Ao estabelecer uma cosmologia dependente de Deus, Agostinho demonstra que tudo o que os

olhos podem alcançar e, até mesmo aquilo que lhes foi proibido ver, fazem parte da obra deste ser onipotente, onisciente e onipresente.

Tal visão estabelecida por Agostinho nasce em parte de sua reação frente ao dualismo materialista dos maniqueus<sup>16</sup> e, em parte da sua resistência às ideias emanatistas<sup>17</sup> do Neoplatonismo. Contudo, apesar de sua reação contrária a ambas as teorias, não se pode tirar o mérito nem do Neoplatonismo e nem do Materialismo maniqueísta frente à influência estabelecida por estas teorias para a evolução de Agostinho no que tange ao seu encontro com a Verdade.

Com o neoplatonismo, Agostinho superou sua dificuldade frente à verdadeira natureza do espírito e perante o problema do mal, dificuldades herdadas do período que aderiu (mesmo sem muita convicção) ao materialismo filosófico dos maniqueus. A leitura inteligível das Sagradas Escrituras apresentada a Agostinho por Ambrósio<sup>18</sup> e a possibilidade de encontrar a Verdade seguindo os passos dos pensadores neoplatônicos, foram essenciais para a reviravolta do pensamento agostiniano. Devido ao conhecimento adquirido com o estudo das doutrinas neoplatônicas, Agostinho foi capaz de perceber a existência de uma realidade superior, especificamente espiritual, vinculada a um mundo que também é espiritual que está acima do mundo visível que se conhece e, que possui em Deus sua verdade segura e imutável.

Todavia, apesar das descobertas que o Neoplatonismo possibilitou a Agostinho, ele não se contentou inteiramente com as concepções transmitidas por esta doutrina. Dentre os pontos que contribuíram para a não aderência de Agostinho

---

<sup>16</sup> **Maniqueísmo:** A doutrina materialista pregada pelos maniqueus admitia haver duas divindades supremas a presidir o universo: o princípio do Bem e o do Mal – a luz e as trevas. Como consequência moral, afirmava ter o homem duas almas, cada uma presidida por um desses dois princípios. Logo, o mal é metafísico e ontológico. A pessoa não é livre nem responsável pelo mal que faz este lhe é imposto. (cf. Agostinho, p.15, 1995).

<sup>17</sup> **Emanação:** O conceito de Emanação foi elaborado pela primeira vez por Plotino: “Todos os seres, enquanto permanecem, produzem necessariamente em torno de si e de sua substância uma realidade que tende para o exterior e provém de sua atualidade presente”. É uma forma de causação com as seguintes características: 1ª. Necessidade do efeito em relação à causa ou força que o produz; 2ª. Continuidade entre causa e efeito, pela qual o efeito continua a ser parte de sua causa; 3ª. Inferioridade do efeito em relação à causa; 4ª. Eternidade da relação entre causa emanante e efeito emanado. (cf. ABBAGNANO, 2007, p.362).

<sup>18</sup> **Ambrósio:** foi um dos primeiros exegetas ocidentais a fazer uso da interpretação alegórica, tal como fora praticada pelos alexandrinos. Com grande pericia procurava convencer seus ouvintes de que a Escritura sempre comporta um sentido aceitável, e até mesmo profundo, desde que saibamos entendê-la corretamente. Sob a letra indagava do sentido espiritual, o que lhe possibilitava eliminar muitos antropomorfismos. (cf. BOEHNER, 1982, p. 144).

ao neoplatonismo estão: à visão de Plotino<sup>19</sup> no que se referia ao Bem (Uno), para quem a transcendência do divino está além do ser, e a hierarquia dos valores, onde a matéria é privada de bem, sendo considerada, portanto, um mal.

No neoplatonismo a geração do mundo sensível se dá por emanção e não por criação, que depende de uma vontade simples. O Uno gerou o *Nous* em sua eternidade, num transbordamento de sua potência e de sua luz: o *Nous* é a imagem e o pensamento que o Uno tem de si mesmo. Do transbordamento da potência do *Nous*, nasce a Alma do Mundo, que, contemplando e recebendo os princípios racionais da segunda hipóstase, retira sua capacidade de agir e gerar o mundo sensível. [...] Na hierarquia, cujo ponto mais alto é o Uno, a matéria habita o outro extremo, sendo o princípio de imperfeição. A matéria torna-se obscura, privada de realidade e bem, tornando-se não-ser, um mal. (Jordão, 2009, p. 52-53).

Indeciso quanto às concepções dadas pelos neoplatônicos no que se referia à matéria como um mal e, ainda inquieto devido a Beatitude de Deus, Agostinho adentra no estudo dos textos bíblicos. Ao estudar as cartas de Paulo, acabou por aderir de vez ao cristianismo, modificando assim a concepção que tinha de Deus, passando a identificá-lo como Sumo Bem, fundamento de tudo. Portanto, *“o Deus agostiniano é identificado com o Sumo Bem, encerra em si a unidade de todas as coisas que existem e, por isso mesmo, é o Ser perfeito e excelente, do qual todas as coisas dependem e são criadas”* (AGOSTINHO, 1998, p.16). Ora, munido da certeza que Deus é o Sumo Bem, que todas as criaturas foram feitas por Ele e Dele dependem, Agostinho percebeu que toda a criação é, conseqüentemente, um bem, inclusive a matéria do qual foram criadas.

Confirma-se assim, que a cosmologia agostiniana está alicerçada na afirmação que todo o universo gravita em torno de Deus, visto que, tudo depende de Deus e tem Nele o seu fim. Assim, partindo deste princípio observa-se que cada criatura possui o seu ser, a sua forma e a sua ordem em Deus, pois, todas as coisas encontram-se subjugadas a Ele, por uma lei necessária, irrevogável, inalterável e justa. É essa lei que segundo Agostinho confere ordem ao universo, atribuindo a cada criatura um papel dentro da história. É preciso salientar, porém, que esta lei além de ser fundamentada na compreensão de que o universo é governado pela

---

<sup>19</sup> **Plotino** (205-270 d.C.), o último dos grandes pensadores gregos que, com um imponente sistema, se coloca, em certa medida, no mesmo plano de Platão e Aristóteles. Para Plotino a realidade se articula em três hipóstases: o Uno, a Inteligência (*Nous*) e a Alma. (REALE, 2003, p. 358).

bondade de Deus através da sua Providência Divina, é fundamentada também na unidade entre as criaturas, pois, é necessário considerar que tudo está interligado entre si. Dessa forma, o homem não pode proceder à investigação daquilo que almeja olhando apenas para o objeto buscado, visto que, tomando tal atitude acaba por isolá-lo das demais criaturas. Tal ação acaba por impossibilitá-lo de enxergar o todo e, é justamente à visão do todo que leva o homem a realizar o propósito para o qual foi criado, propósito este que está ligado a unir-se à Verdade.

Ora, como foi possível observar, para o doutor de Hipona, todas as obras criadas estão interligadas, porque possuem seu ser em Deus. No momento que estabelece tal concepção, Agostinho reafirma que toda a sua cosmologia depende de Deus e, o faz apoiando-se em Paulo que em um de seus discursos diz: *“Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos! Amém.”* (Romanos 11,36). O que implica dizer que tudo tem seu início e seu fim em Deus. Com efeito, tal afirmação põe em evidência uma pergunta importante, a saber: qual o papel do homem, neste enredo, ou seja, nesta concepção? O homem tem uma tarefa importantíssima nesta concepção, que se resume em saber usar aquilo que o universo oferece para poder cooperar com a ordem estabelecida por Deus, mantendo assim a harmonia da criação.

À primeira vista, parece ser uma tarefa fácil, mas na verdade é bastante complexa, já que, essa tarefa está extremamente ligada à busca daquilo que é superior ao homem, que o eleva ao conhecimento de si mesmo e que por intermédio da contemplação das outras criaturas chega ao conhecimento da Verdade que é o próprio Deus. Por ser uma tarefa que se baseia nas atitudes humanas, cabe então levar essa reflexão que até então estava centrada na visão de mundo como um todo ordenado e governado por Deus, para o homem enquanto indivíduo que faz escolhas que podem levá-lo ou não a manter-se em plena harmonia diante da criação e de seu Criador.

Certamente, é notória a dificuldade que se tem de estabelecer um discurso conclusivo sobre o homem enquanto ser e, isso já foi salientado no início. Provavelmente, tal dificuldade esteja baseada no fato deste ser viver em contínua transformação. Portanto, para tentar sanar um pouco essa dificuldade, tomaremos como ponto de partida o momento de sua criação, buscando assim conhecê-lo

desde sua origem. Por conta disso, enveredaremos pelo caminho da teoria criacionista, que se baseia na fé da criação divina, uma vez que, estamos abordando assuntos referentes ao período Medieval.

A Bíblia<sup>20</sup>, livro sagrado que revela a história da relação de Deus com a humanidade, nos remonta às origens do mundo e estende sua perspectiva à humanidade inteira. Relata assim, a criação do universo, do homem e de todas as coisas visíveis, além, de aborda o motivo pelo qual ocorre a queda humana do paraíso e, as consequências desta queda para a humanidade. Os pontos citados acima são fundamentais para o nosso entendimento sobre o homem, pois, partindo do princípio que este ser tem sua origem ligada ao surgimento do universo e, que como tal há entre eles uma relação intrínseca com seu Criador, poderemos observar através destes pontos todas as nuances que o cercam. Desta forma poderemos chegar a uma perspectiva real do que a criação do homem significa, sobretudo, no que tange ao papel dele frente ao universo criado.

Segundo a tradição cristã, o homem foi criado da terra, mas animado por um sopro de vida: *“Então Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”* (Gênesis 2,7). A passagem citada pode acarretar em uma interpretação errônea da criação, visto que, quando se pensa em modelar algo imediatamente vem à mente o uso das mãos, a habilidade que esta tem de transformar algo primário em algo secundário. Todavia, quando se pensa na ação de Deus, torna-se importante enfatizar que esta se remete não às mãos enquanto um membro do corpo físico, mas, ao Verbo de Deus que é a sua Sabedoria criadora, assim Agostinho relatou: *“Tanto o homem como os animais ele os fez por seu Verbo, pelo qual tudo foi feito. Mas, porque o mesmo Verbo é a Sabedoria e a Virtude de Deus, também se diz sua mão, não o membro visível, mas o poder de criar”* (AGOSTINHO, 2005, p. 221).

Certamente, as obras criadas pelas mãos de Deus estão descritas desta forma por intermédio do Verbo, isto é, por meio de sua palavra que trás em si o seu poder criador. Sem dúvida o homem também foi feito assim, o que nos leva a refletir

---

<sup>20</sup> **Bíblia:** há que se fomentar a grande importância que o referido livro possui frente à História da civilização Ocidental, posto, que forjou boa parte de sua cultura. A Bíblia apresenta ao homem os mais elevados ideais que já pautaram a civilização, portanto, é configurado como matriz espiritual deste ser. É o livro mais difundido de todos os tempos.



sobre o que o difere das demais criaturas. O que o faz agir como se fosse superior a tudo o que o rodeia? Para alcançarmos tal resposta precisamos refletir sobre o ato da criação em si, levando em consideração a forma como as criaturas foram criadas. Ao criar do nada todas as coisas modelando-as conforme suas ideais, Deus conferiu o ser a cada criatura, não obviamente a plenitude do ser que só Ele possui, mas certo grau de participação. Dessa medida diversa de participação no Ser de Deus, decorre naturalmente certa gradação no ser criado, pois, quanto maior for à participação que uma criatura tem em si de seu Criador mais próxima dele ela estará.

É por conta do grau de participação em Deus, que no domínio da criação visível, o lugar mais elevado cabe ao homem, pois, este foi criado à imagem de seu Criador, o que é bem claro na passagem Bíblica: *“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”* (Gênesis 1,27). Portanto, é por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus que o homem se sobrepõe aos animais irracionais, pois, possui a inteligência que faz de si participante da Sabedoria de Deus. Por isso, o homem é o ponto mais alto e o centro da criação. Devido à racionalidade o homem possui o dom da criatividade, da palavra e da liberdade, por conta disso, detém a responsabilidade de multiplicar-se e dominar as demais criaturas. *“Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”* (Gênesis 1,28).

Pela inteligência o homem é capaz de apreender os sintomas da sensação, isto é, dos sentidos corporais. Por isso, a razão é vista como o que há de melhor no homem. *“Com efeito, para todas as realidades inferiores a ela: os corpos, os sentidos exteriores e o próprio sentido interior, quem, pois, a não ser a mesma razão nos declara como um é melhor do que o outro, e quanto ela mesma ultrapassa-os a todos?”* (AGOSTINHO, 1995, p. 91). Para Agostinho, uma razão purificada e reta é capaz de se elevar aos níveis mais altos da reflexão, dando uma fundamentação sólida a percepção do ser, do transcendente e do absoluto.

Todavia, o corpo humano também não passa despercebido na doutrina agostiniana, pois, tem uma característica que mostra sua excelência frente aos demais animais. O corpo humano foi criado com a estatura ereta, posição erguida

para o céu para poder contemplar o que lhe é superior. O fato de o homem ter sido criado com uma estatura ereta, não pode ser visto apenas como um privilégio, pois, este atributo lhe foi dado com a prerrogativa de que não permitisse que sua parte superior, isto é, a alma buscasse assemelhar-se aos animais, pois a alma do homem deve elevar-se sempre ao mais sublime da ordem espiritual, assim, Agostinho advertiu:

Entretanto, quanto ao corpo, o homem tem uma faculdade que mostra esta excelência, pois foi feito com a estatura ereta, a fim de que com isso fosse advertido a não procurar para si o que é terreno, como os animais, cujos prazeres procedem da terra, razão pelas quais todos estão inclinados e voltados para o ventre. Portanto, o corpo do homem é também adequado à sua alma racional, não quanto aos traços e figuras dos membros, mas antes, quanto ao fato de ter uma posição erguida para o céu para poder contemplar o que é superior no corpo do próprio mundo; assim como sua alma racional deve dirigir-se para o que é mais excelente entre as realidades espirituais, para poder saborear as coisas do alto, não as da terra. (AGOSTINHO, 2005, p. 222).

Agostinho vê o homem como uma unidade substancial constituída de uma alma que se encontra unida a um corpo. Para ele, é graças à unidade entre estes dois elementos que o homem pode ser chamado assim. O corpo representa a exterioridade do homem e garante sua visibilidade, é caracterizado como um elemento que sofre mudanças decorrentes da ação do tempo. Ocupa lugar no espaço, por ter comprimento, largura e altura. A alma, por sua vez, é a parte mais nobre do ser humano, visto que, é em sua substância que se encontra a capacidade racional e intelectual do homem. Tal capacidade torna a alma apta a caminhar rumo aos bens inferiores e, principalmente rumo aos bens superiores, já que, é precisamente na alma que se dá a imagem e semelhança do homem a Deus.

O ser imagem de Deus é privilégio exclusivo da alma humana. Diz a Escritura que Deus formou o homem à sua semelhança. Ainda que toda a criação se assemelhe de certo modo a Deus, a dignidade de imagem propriamente dita é apanágio do ser humano; e neste, ela se encontra tão somente na alma, e nesta, só no espírito ou na 'mente'. Pois é mediante o espírito ou a mente que a alma se abre diretamente para Deus, e dele se torna capaz (BORHNER, 1982, p. 184).

Observa-se, assim, que a alma é mais do que as imagens capturadas e sentidas pelas sensações corporais, ela é a porta de entrada, ou seja, o local do encontro entre Deus e o homem. Portanto, a alma é considerada a beleza do corpo do mesmo modo que Deus é a beleza da alma. É pertinente ressaltar que é graças à estreita união entre corpo e alma que o homem pode vislumbrar os vestígios de Deus frente ao mundo criado. Compreender o papel da unidade entre alma e corpo, é de suma importância na doutrina agostiniana, pois, ainda que a alma seja a parte superior do ser humano, isto é, uma substância completa, ela deve se unir ao corpo para formar com ele uma nova substância e assim animá-lo, visto que, é por meio dessa união que a natureza inferior do corpo se une, por intermédio da natureza superior da alma, com a natureza suprema de Deus, Boehner, relata bem essa concepção:

O fundamento metafísico da união entre alma e corpo está na função mediadora da alma entre as ideias divinas e o corpo. Alma é o elo de união entre as ideias divinas e o corpo vivificado por ela. Graças à sua natureza espiritual ela se abre para aquelas ideias espirituais. O corpo, ao contrário, devido à sua extensão espacial é incapaz de uma participação direta nas ideias. (BOEHNER, 1982, p.183).

Sendo assim, a alma possui grande responsabilidade para com o corpo, pois, enquanto mediadora, trás em si a incumbência de dominá-lo, submetendo-o consigo mesma a Deus. É por meio do domínio da alma frente ao corpo que a imagem de Deus pode manifestar-se enquanto espírito, elevando assim a própria alma e, conseqüentemente o homem à contemplação de Deus. É a alma que possibilita ao homem observar os vestígios de Deus em sua obra, inclusive em si mesma. Portanto, quando o homem submete a alma ao corpo acaba por tornar-se incapaz de vislumbrar os vestígios de Deus na criação. Mas o que de fato seria estes vestígios? O que eles implicam na vida dos seres criados, em especial na vida do homem? Os vestígios podem ser identificados como sinais de Deus em sua criação, são por assim dizer, acenos de Deus, que apontam para além de si mesmos, pois, toda a criação deve ser como uma seta que aponta para o regresso a Deus.

Assim, cada criatura possui características próprias que lhe são dadas por seu Criador, pois, pela própria condição da criação, todas as obras criadas foram dotadas de fundamentos particulares como, por exemplo, bondade, verdade, ordem

e leis específicas. Portanto, as diferentes criaturas, queridas em seu próprio ser, refletem a seu modo, um raio de luz que representa a Sabedoria e a Bondade infinita de Deus. As inúmeras formas de criaturas significam que nenhuma se basta a si mesma, só existem devido à dependência recíproca que possuem umas das outras, pois, a beleza do universo, a ordem e a harmonia do mundo criado dependem da diversidade das criaturas enquanto seres e, principalmente das relações existentes entre elas.

O fato de o homem ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, acaba por fortificar esses vestígios em seu ser, o que não quer dizer que o homem, ou melhor, que sua natureza seja igual à de Deus. Sendo criatura, sua natureza é criada e, por isso mesmo, inferior a Deus, é, assim como as demais criaturas criadas sujeito às leis que regem o universo, ou seja, também deve submeter-se ao olhar e ao jugo de seu Criador. Contudo, apesar de ser submetido à lei de Deus, é interessante perceber a confiança que Deus deposita no homem, visto que, não o obriga a viver sobre a égide de sua lei, antes, deixa-o livre para realizar seu próprio destino de acordo com sua vontade. *“Ao criar o homem, Deus lhe prescreveu algumas leis, mas deixou-o senhor para prescrever a sua, no sentido de que a lei divina não exerce nenhum constrangimento sobre a vontade do homem”* (GILSON, 2005, p. 367).

Com efeito, Deus criou a terra para que o homem pudesse usufruir dela e assim, possuir vida plena. Toda a sua criação foi um ato livre de amor e, para que o homem pudesse usufruir de toda essa criação, bastava subordina-se a Deus obedecendo a sua lei. Segundo a tradição cristã a lei a que o homem está submetido refere-se a não desobediência a Deus, o que está implícito na frase: “não comer do fruto proibido”. O ato de desobediência, ou seja, comer do fruto proibido, lhe daria um conhecimento que Deus reservou apenas para si, por ser a faculdade de decidir por si mesmo o que é bem e o que é mal, e de agir conseqüentemente reivindicando autonomia moral pela qual o homem negaria seu estado de criatura. A ocorrência de tal fato seria um atentado quanto à soberania de Deus e, é por isso que Deus deixa ao homem a seguinte lei: *“E Deus deu ao homem este mandamento: Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do*

*conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” (Gênesis 2, 16-18).*

Este é o ponto crucial da vida humana frente à sua relação com Deus, pois o desenrolar da história da vida dos homens está diretamente ligado à subordinação ou não deste ser a Deus. Para compreender a decisão do homem frente a essa questão que inicialmente parece ter uma resposta tão óbvia, teremos que nos reportar mais uma vez ao momento de sua criação. Quando Deus criou o homem, utilizou-se de dois elementos primordiais, a saber: o Verbo divino que é o mesmo que Sabedoria Divina e a matéria. Ora, temos assim: um elemento divino e um elemento que foi criado do nada e, que por isso é identificado como informe e imperfeito. Portanto, o homem está dividido em si mesmo, sua vida apresenta-se como uma luta entre o perfeito e o imperfeito.

Deus criou todas as coisas do nada, por um ato livre de sua vontade, e em consonância com suas ideias. Todas as criaturas trazem esse duplo selo de sua origem. Agostinho frisa expressamente esta disparidade: todos os seres são bons porque criados por Deus; e todos implicam certa imperfeição intrínseca porque feitos do nada. (BOEHNER, 1982, p.176).

É precisamente devido à parte imperfeita que há em si, que o homem sucumbe ao mal. Rompe com seu Criador por meio da desobediência, deixa de reconhecer pela sua alma os vestígios de Deus e passa a buscar as coisas terrenas com toda a sua força, por achar que elas lhe trarão a felicidade que tanto almeja. Neste sentido, é visível a existência de dois homens, um exterior e um interior, no qual estão inteiramente relacionados ao referencial de razão inferior e razão superior que vimos no capítulo anterior, posto que, o homem exterior está relacionado à vida material e o homem interior à vida espiritual. Tal indicação é feita por conta do papel determinante da mente humana frente as suas escolhas, pois, não há como negar que é por meio do seu intelecto que o homem define o caminho que quer seguir, se o que está vinculado às coisas inferiores ou ao que está ligado às superiores.

Partindo da prerrogativa, do significado das palavras inferior e superior, parece tolice a escolha que o homem faz pela parte inferior, visto que, esta se baseia naquilo que está submerso, ou seja, abaixo de outra realidade. Todavia, é bem mais complexo do que parece, por isso, é preciso compreender bem o que de

fato significa optar pelo que é inferior frente ao que é superior. Segundo Agostinho, sendo Deus a perfeita forma de ser, Ele é o que há de melhor e mais importante a ser buscado e amado, sendo assim, o homem deve usar todas as criaturas como meio para se chegar a Deus, utilizando-se do seu poder racional, pois, tudo no universo deve seguir essa lei. Quando o homem passa a amar a criatura ou o objeto por si mesmo, ele rompe com essa lei, pois, torna a criatura amada maior que o Criador. Assim, Eduardo Antônio Jordão exclamou:

Sendo o princípio e fim do universo, é apenas a Deus que se deve amar por si próprio. Todas as demais coisas devem ser amadas de forma transitória e não nelas próprias, mas como meios para se chegar aos bens imutáveis e eternos, os quais se devem aderir e neles permanecer, pois repousam em Deus e a Ele estão ligados. (JORDÃO, 2009, p. 45).

A ordem a qual o universo é submetido fica bem clara na fala do Jordão, pois, ele deixa bem evidente que as coisas devem ser usadas prudentemente para se obter a fruição das realidades espirituais e eternas. Há nitidamente uma distinção entre usar e fruir, pois, nesta concepção, usar significa orientar o objeto de que se faz uso para obter o objeto ao qual se ama, caso tal objeto mereça ser amado; fruir significa aderir a alguma coisa por ela própria. Neste caso, Deus é o único Ser que se deve amar por si próprio, pois, Ele é o princípio e o fim do universo. Sendo assim, ao buscar o conhecimento da matéria, o homem se desvia do que lhe garante a verdadeira felicidade, ou seja, Deus.

É precisamente neste ponto que o homem se degenera, pois, por seus atos deliberados passa a se conformar em viver em uma busca por aquilo que está abaixo de Deus, Verdade eterna. Ao invés de captar as verdades existentes em cada criatura para contemplar o Criador, contempla-as em si mesmas, com isso, afasta-se de si, pois, tende sempre aquilo que é inferior e, é por conta disso que sucumbe ao mal. No que tange ao mal, Agostinho, que foi um adepto da teoria platônica do bem, faz consistir todo o mal na carência do bem. Logo, o mal para Agostinho não é uma substância, não tem causa eficiente em si mesmo, mas é uma privação do bem. É, portanto, identificado como pecado pelos cristãos, pois, é a ausência de Deus, é uma falta contra a razão, a verdade e a consciência reta, é uma

falta ao amor verdadeiro para com Deus, por conta de um apego perverso da vontade a certos bens.

Caracteriza-se na vida moral do homem, pois ganha força na maneira como este age consigo mesmo e com os outros. Uma vez afastado de Deus o homem tende sempre a agir por impulso, pois busca saciar os desejos ínfimos de seu coração. Perde a capacidade de contemplar a Verdade por meio das demais criaturas porque deixa de utilizar seu intelecto para o fim ao qual foi criado. É pela razão bem direcionada, por levar uma vida virtuosa e caridosa, que a mente consegue contemplar a unidade do universo e as verdades eternas que se encontram em Deus, usá-la de maneira equivocada, isto é, mal direcionada acarreta ao homem uma vida cheia de infortuno.

É por conta dessa escolha equivocada, que se dá por meio da sua própria vontade que o homem cai do paraíso ao qual foi destinado a viver e, passa a viver longe de Deus, em um mundo cheio de atrativos, fomentados pela paixão, que saciam a fome do corpo, isto é, da matéria, mas que são incapazes de saciar a fome da alma que tende sempre para Deus. Portanto, o mal entra no mundo não por ser uma substância presente na essência dos homens, que o incita à perversão, mas por meio de uma escolha equivocada do livre arbítrio, isto é, da própria vontade que diante de uma hierarquia de seres escolhe contemplar o que é inferior frente ao que é superior.

Logo, só me resta concluir: se, de um lado, tudo o que é igual ou superior à mente que exerce seu natural senhorio e acha-se dotada de virtude não pode fazer dela escrava da paixão, por causa da justiça, por outro lado, tudo o que lhe é inferior tampouco pode, por causa dessa mesma inferioridade, como demonstram as constatações precedentes. Portanto, não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio. (AGOSTINHO, 1995, p. 52).

É ao perceber as limitações que existem no homem no que diz respeito à sua capacidade de livre-arbítrio e de vontade, ou seja, de escolher voltar o seu olhar para o que lhe é mais caro, que Agostinho compreendeu que quem completa o homem é o próprio Deus. Por meio da sua divina Providência, Deus reconduz o homem para o fim ao qual foi destinado desde sua criação, que é simplesmente a

felicidade de encontrar-se com a Verdade. A felicidade do homem neste mundo consiste em preparar aqui as condições que possibilitarão a ele participar da vida eterna, o que implica ordenar toda a sua existência de maneira a possuir e ser possuído por Deus. Viver alheio a isso é permanecer numa busca vã pela felicidade, pois esta se encontra ao lado da Verdade. Assim, a reflexão obtida frente às ideias de Agostinho no que tange à felicidade humana é que a vida feliz é a alegria que provém da Verdade, e, só se chega à Verdade se silenciar os desejos ínfimos da carne, isto é, da matéria e elevar a cada um ao desejo maior que é viver em Deus.

Para alcançar tal fim, o homem precisa voltar-se para si mesmo, pois o lugar privilegiado para o encontro com Aquele que é mais íntimo do que ele próprio é a sua alma. Portanto, o homem que possui o intuito de encontrar-se com os princípios existentes em sua essência que possibilitam a ele retornar a Deus, necessita enveredar por caminhos que o levarão ao seu próprio eu. É em face ao dilema de permanecer buscando as coisas inferiores, que significa uma vida assentada sobre os bens materiais e terrenos ou mergulhar em busca daquilo que lhe é superior, que significa superar o gosto pelas coisas materiais e terrenas para se voltar para Deus e só a Ele submeter suas vontades que daremos continuidade a nossa investigação. Tal investigação buscará perceber os impedimentos que a humanidade sentiu e sente até hoje para conseguir por seus próprios méritos retornar ao caminho reto que lhe levará ao encontro com a Verdade. Em seguida, buscará compreender os elementos que servirão de meios condutores para o homem retornar à condição de homem espiritual, visto que, somente quando se constitui como ser espiritual ele pode atingir o fim para o qual foi criado, que nada mais é que alcançar a Verdade. E por fim, buscará perceber como a unidade entre fé, razão e vontade pode conduzir o homem à Verdade.



### **Capítulo III: Fé, razão, vontade - elementos que levam o homem a encontrar-se com a Verdade.**

Há que reconhecer que a busca da Verdade nem sempre se desenrola com um dinamismo coerente e racional, pois, convém lembrar aqui, às inúmeras formas de verdades as quais os homens são expostos ao longo de suas vidas. As mais extensas são as verdades que assentam em evidências que recebem confirmação pela experiência, visto que, estão relacionadas à ordem própria da vida quotidiana. Em seguida, vêm aquelas que o homem alcança por meio da sua capacidade especulativa. Por último a que chega até o homem por meio de sua relação com o divino. Como foi possível observar, a humanidade está bem servida ao que se refere à existência de verdades, mas, se levarmos em conta a predisposição que o homem tem de cumprir a Lei Eterna (exposta por meio da relação existente entre a ação do homem interior frente às demais criaturas, para assim contemplar a Verdade) veremos que há uma que se sobrepõe às outras, pois, é ela a Verdade primeira, ou seja, o próprio Deus.

Ao que parece o caminho para se chegar à Verdade primeira é longo e cheio de armadilhas, por isso, não há facilidade em expô-lo nem tão pouco em enfrentá-lo. Mas, como para tudo na vida há dois lados, há assim, neste caminho dois lados também, visto que, não seria ele o primeiro a fugir a essa regra. Assim, veremos que em meio às armadilhas existentes no percurso, há também direcionamentos que nos incentivam a continuar a caminhar, a não desistir e a traçar uma linha reta em direção à nossa meta, que é o encontro com a Verdade. Com efeito, para o homem chegar à Verdade, é necessário passar pela estrada que o leva até a concepção de fé, de razão e de vontade, sobretudo, ao que representa a vivencia de cada princípio deste em seu ser. Como vimos no capítulo anterior, por deixar-se guiar pelo seu lado exterior, o homem tende a buscar a Verdade nas realidades sensíveis, isto é, nas coisas materiais. Tal atitude acaba por ofuscar o seu entendimento no que diz respeito ao que de fato é verdadeiro.

A despeito de sua incompreensão frente ao que é verdadeiro, o homem falha em seu dever de amar a Verdade, sem limites e sem medidas. É como se com as muitas faces da verdade houvesse também muitas faces do amor e, essa multiplicidade acabasse por levar o homem a uma obscuridade que desencadearia

em uma falha da visão. Posto isso, percebemos o tamanho do desafio que o homem tem pela frente, pois, em primeiro plano terá que reconhecer em meio aos muitos amores aquele que de fato é verdadeiro. Nessas condições, a forma mais eficaz é passar pelos graus do amor, buscando evolui-lo de forma sucessiva até chegar ao seu grau de perfeição.

O primeiro grau do amor ao qual nos dedicaremos a investigar é aquele que se refere ao próprio homem. Esse grau do amor próprio deve ser entendido como uma necessidade referente à própria natureza humana, por isso, pode ser identificado também como “amor carnal”. Ora, por ser um composto de corpo e alma, o homem, busca satisfazer primeiramente as suas necessidades corporais, pois, por se manifestarem de maneiras diversas, tende a parecer como mais urgentes.

Pois o homem não é puro espírito, mas um ser composto de corpo e alma. O termo “carnal” significa precisamente a parte animal ou corpórea da natureza do homem, pela qual este é obrigado a satisfazer em primeira linha as necessidades do corpo. E estas necessidades, como sabemos por experiência, manifestam-se de maneiras mui diversas (BOEHNER, 1982, p.290).

É por meio desse amor carnal que tende a satisfazer as necessidades naturais do homem, que adentraremos no segundo grau do amor, que é relacionado com a concupiscência. Embora o amor próprio seja uma exigência da própria necessidade da natureza humana e, por isso, não o é considerado pecaminoso ou importuno, é por meio das degenerações sofridas em sua estrutura que o homem pode vir a extravasar os limites da necessidade. Esse ato de exceder-se é que definimos como concupiscência, pois, representa a primazia do elemento animal ao elemento espiritual do homem. Essa primazia se dá não só por conta da corporeidade do homem, mas principalmente por causa da corrupção de sua natureza pelo pecado.

Por isso, a ação do amor relacionado à concupiscência está ligada ao coração, visto que, é nesta parte do corpo que brota a multiplicidade das suas manifestações, em especial, o amor pelas coisas terrestres que julga ser a causa de sua felicidade. Mas, o homem engana-se totalmente ao agir assim, pois, como já foi possível ver, por meio das concepções de Agostinho, as coisas terrenas ou externas

não só não conseguem satisfazer o homem a ponto de este encontrar-se com a Felicidade eterna, como, ao contrário o afasta de seu objetivo, já que ao amar as coisas terrenas por elas mesmas, deixa de amar a Verdade, por isso, se torna infeliz. E, é devido a essa relação equivocada que o primeiro grau do amor se corrompe pela concupiscência.

Ora, analisando os dois graus do amor torna-se nítida a deformação existente na natureza do homem que os possui. Sendo assim, como o amor que há na natureza do homem pode elevar-se a ponto de ajudar o homem em sua busca pela Verdade? Como vimos, o amor é uma tendência natural da alma humana, por isso, sua deformação não é motivo para desespero, visto que, sua essência está ligada a Deus. Portanto, para que aconteça a restauração do amor, basta que o homem, mediante sua vontade busque a reconquista de sua semelhança com Deus. Para tal fim, o homem conta de forma evidente com a vontade que o próprio Deus lhe concedeu e, é através deste bem concedido por Deus que chegamos ao segundo desafio que o homem precisa vencer para alcançar a Verdade, a saber: a própria vontade.

Se o primeiro desafio está centrado em distinguir as faces do amor, por sua vez, o segundo está centrado em distinguir as faces da vontade. Portanto, antes de qualquer coisa, precisamos entender o que a vontade significa para o homem. Bem, a vontade não é considerada uma parte física do homem, visto que, não é um membro visível na sua estrutura corporal (o que não diminui sua importância), antes, está inserida na própria raiz do seu ser, a ponto de muitas vezes podermos identificar o homem com sua vontade. Segundo Agostinho, a alma possui afeições que são identificadas como outras tantas manifestações da vontade, responsáveis, por assim dizer, por sentimentos como: a alegria, o medo e tudo o que se refere aos nossos desejos corpóreos. Boehner explicita muito bem essa visão agostiniana no seguinte trecho:

Para Agostinho todas as afeições e sentimentos da alma são outras tantas manifestações da vontade. Os afetos básicos da alma são “o desejo, a alegria, o medo e a tristeza”. O desejo é um aquiescer à tenência da vontade para um objeto qualquer. A alegria é a complacência na posse de um objeto da vontade. O temor é o sentimento pelo qual a vontade se retrai e afasta de uma coisa. A tristeza é a aversão da vontade por um mal

infligido. Em suma, todas as afeições da alma constituem na aceitação ou na rejeição, pela vontade, de algo bom ou mau (BOEHNER, 1982, p.188).

O problema central aqui está situado na causa e no valor do movimento da vontade. E não há nada de espantoso nisso, já que não é sem alguma causa que uma criatura tende ou não aos afetos básicos da alma e, não é privado ao homem a consciência de que ao se alto determinar torna-se responsável pelos seus próprios atos. Mas, se a vontade está relacionada a causas, qual a sua razão de ser? Pode a vontade ser considerada livre? Como o homem pode utilizá-la para ascender espiritualmente? Questionamentos como estes, são muito intrigantes, pois, tendem a fazer com que os homens reflitam sobre suas escolhas e, ao mesmo tempo os levam a ver que essas escolhas podem ou não comprometer a sua tão sonhada felicidade.

Sabemos que o destino do homem está vinculado à sua participação na felicidade, o que pressupõe a presença em si da vontade, sobretudo, de uma boa vontade que está infundida de virtudes. Vemos assim, que há graus de vontade, da mesma maneira como existem graus do amor e, por conta dessa multiplicidade a vontade tem o poder de optar de forma livre entre a ação desregrada e a ação virtuosa. A vontade que opta pela ação desregrada, torna-se má; ao passo que a que escolhe a ação virtuosa, torna-se boa. Para Agostinho a boa vontade: “É a vontade pela qual desejamos viver com retidão e honestidade, para atingirmos o cume da sabedoria.” (AGOSTINHO, 1995, p. 56). Tal vivencia implica no exercício das quatro virtudes cardeais que são: prudência, força, temperança e justiça. Vejamos a explicação dada por Agostinho a cada uma das virtudes cardeais:

Considera, agora se a prudência não te parece o conhecimento daquelas coisas que precisam ser desejadas e das que devem ser evitadas. [...] Pois bem! E a força, não é ela aquela disposição da alma pela qual nós desprezamos todos os dissabores e a perda das coisas que não estão sob nosso poder? [...] E quanto à temperança, é ela a disposição que reprime e retém o nosso apetite longe daquelas coisas que constituem uma vergonha o ser desejadas? [...] E finalmente sobre a justiça, o que diremos ser ela, senão a virtude pela qual damos a cada um o que é seu? (AGOSTINHO, 1995, p. 57-58).

O homem que opta viver segundo as virtudes cardeais, deve se alegrar e muito, pois, significa participar da felicidade. Portanto, segundo Agostinho, agir mediante a boa vontade está nas mãos do próprio homem: “[...] *depende de nossa vontade gozarmos ou sermos privados de tão grande e verdadeiro bem*” (AGOSTINHO, 1995, p. 56-57). Com essa afirmação, Agostinho introduz uma reflexão mais profunda acerca da vontade, pois, demonstra que de fato há duas vontades nas quais seus fundamentos dependem dos hábitos que o homem adquiriu, já que, saber o que é certo, não implica em fazer o que é certo. Agostinho utilizou-se de um drama pessoal para explicar tais parâmetros da vontade.

Por isso eu suspirava, atado, não pelas férreas cadeias de uma vontade alheia, mas pelas minhas, também de ferro. O inimigo dominava o meu querer, e dele me forjava uma cadeia com que me apertava. Ora, a luxúrias provém da vontade perversa; enquanto se serve a luxúria contrai-se o hábito; e, se não se resiste a um hábito, origina-se uma necessidade. Era assim que, por uma espécie de anéis entrelaçados – por isso lhes chamei de cadeia –, me segurava apertado em dura escravidão (AGOSTINHO, 2000, p. 209).

A fim de lançar alguma luz sobre a maneira em que o homem enquanto individuo racional chega à boa vontade, importa relacioná-la com as paixões e com o intelecto. O termo paixão, segundo Agostinho é um desejo culpável, “[...] *amor desordenado por aquelas coisas terrenas que se podem perder contra a própria vontade.*” (AGOSTINHO, 1995, p. 35). A paixão nos remete aos desejos corpóreos, ou seja, àqueles aos quais são observados mediante a vontade desregrada. Tal vontade é absorvida pelos notórios anseios da carne, que vorazes impedem o homem de ver o malefício que tais ações o acometem e, que por isso acaba por levá-lo a adquirir maus hábitos. Agostinho analisou essa ação da vontade não como uma fraqueza, mas como uma falha, ou seja, como uma disposição defeituosa da vontade que a impediu de realizar-se de modo eficaz.

A vontade que leva o homem a adquirir bons hábitos é, por sua vez, enxertada nos anseios do intelecto, o que significa que ela escolhe aquilo que a razão tenha julgado como sendo bom. Mas, será que mediante somente à razão o homem tende a viver de maneira a orientar a vontade a buscar somente os bons hábitos? A descrição da vontade como apetite racional nos dá espaço para questionamentos como este. Muito embora a razão seja o que de fato distingue os

homens das demais criaturas, já vimos que ela pode levar o homem a tender para as coisas inferiores. Então, como o homem pode sair desse labirinto em que vive? Como pode se desvencilhar de suas amarras, para poder encontra-se com a Verdade que o chama incessantemente?

Desde o início de nossa investigação nos debruçamos sobre os assuntos inerentes ao encontro do homem com a Verdade. Partindo deste ponto, foi possível observar que por meio de escolhas equivocadas o homem acaba por procurar a Verdade nas coisas inferiores, utilizando-se daquilo que seus olhos conseguem captar e suas mãos conseguem apalpar, sem se dar conta que por meio delas não há como acabar com o espaço vazio que existe em seu íntimo. Pelo contrário, essa busca incessante pelas coisas temporais acaba apenas por aumentar esse vazio, pois, afasta o homem cada vez mais de si mesmo e conseqüentemente de Deus.

Frente ao caminho já percorrido, é possível ver que existe algo relevante nesta busca, que pode estremecer a visão pessimista de que o homem caminha em vão rumo à Verdade. Que apesar das limitações e da inconstância humana, configura-se no potencial que há dentro de cada homem. Este “algo a mais” é o próprio ato de buscar a Verdade, haja vista que, o homem não começaria a procurar por algo que ignorasse totalmente. A ação de pôr-se ao caminho nos leva a refletir que apesar da cegueira a qual o homem é exposto por conta de suas limitações, devido às tribulações da vida diária, ele não desanima. Continua no seu processo de busca, o que indica que de forma consciente ou inconsciente, ele percebe que lhe falta algo, que sua existência plena só será atingida no momento em que ele for detentor deste algo que ele ainda não conhece de fato, mas que sente a necessidade de conhecer.

Sob esta perspectiva se deve entender que por mais que o homem passe a sua existência tentando encontrar a Verdade eterna vislumbrando as coisas sensíveis e mutáveis, ou seja, tentando montar um quebra-cabeça, cujas peças encontram-se escondidas dentro do seu interior e não no mundo externo, nas coisas terrenas como ele acredita, jamais estará totalmente alheio ao objeto que de fato almeja. Sua busca só precisa ser direcionada para o que de fato tem valor, ou seja, para as coisas do alto, que são imutáveis e eternas. Com efeito, segundo Agostinho, para alcançar o saber que preencherá o vazio que ainda há em seu ser, isto é, que o

levará a encontrar-se com a Verdade, o homem necessita apreender as ideias eternas e, por elas Deus, o que significa buscar realizar os desejos da alma ao invés dos desejos do corpo.

Tal concepção soa como algo tenebroso e desestimulante, já que, o homem tende sempre a realizar em primeira instância os desejos corporais, sua capacidade de amar as realidades espirituais está de fato comprometida, o que não invalida a busca. Antônio Jordão descreve bem esse processo de incapacidade do homem carnal frente à questão do voltar-se para as realidades espirituais.

O homem carnal, isto é, em estado de pecado, torna-se incapaz de entender e amar as realidades espirituais. Somente o homem espiritual, que possui seu entendimento e seu coração voltados para Deus, submetendo-se de bom grado à vontade divina, pode inteligir e amar as realidades espirituais (JORDÃO, 2009, p.63).

A impressão que se tem ao analisar a citação acima é a de que o homem está condenado a uma vida infeliz, sem sentido, preenchida por momentos vazios que acalentam o corpo, mas que deixam a alma inquieta. Por não conseguir elevar-se a homem espiritual, seria obrigado a viver longe da Verdade eterna, utilizando-se das coisas criadas como bens superiores. Com efeito, não pode existir realidade alguma pior que viver no falso como se fosse o verdadeiro, tal realidade é sem dúvida um castigo para aquele que a obtém. Sendo assim, Agostinho exclama:

Ora, aprovar o falso como se fosse verdade, e assim enganar-se sem o querer, tornando-se incapaz de se abster de atos libidinosos, em consequência das resistências e dos dolorosos tormentos dos vínculos carnis – essa não é a natureza primitiva do homem, mas, sim, o seu castigo depois de ter sido condenado (AGOSTINHO, 1995, p.210).

Todavia, mesmo depois de optar por sua livre escolha a buscar a felicidade em lugares ínfimos, o homem não é abandonado à própria sorte por Deus, ao contrário é acolhido por Ele. Deus nunca deixou de acompanhar sua criatura mais amada e, é devido a esse amor que por intermédio da Providência Divina o homem tem a possibilidade de encontrar-se com a Verdade, que é a própria Felicidade. Mas, para que este encontro aconteça é necessário que o homem se esforce, pois, não há como ascender a Deus se não for por meio de um processo de

purificação de seu ser. Este processo se dá por meio de uma escala que vai das coisas sensíveis ao espírito e, deste a Deus, ou seja, do que lhe é externo para o que lhe é interno e do que lhe é interno para o próprio Deus.

Seguindo este modelo percebe-se que para retornar a Deus o homem não pode deter-se nas criaturas nem tão pouco repousar nelas, o que não quer dizer que não possa se alegrar com elas. Como já foi salientado anteriormente, todas as criaturas possuem em si vestígios de Deus, portanto, devemos nos regozijar com elas, pois “[...] nelas resplandece a sabedoria e a bondade do Criador, para grande regozijo dos espectadores.” (BOEHNER, 1982, p. 186).

Todas as criaturas são sinais que apontam para além de si mesmas e, que por conta disso devem ser vistas pelo homem não como Bem Supremo, mas como símbolos que trazem à sua memória o próprio Deus. O problema que mais uma vez se expõe é o fato do homem não conseguir vislumbrar a Deus nas obras criadas. Por ficar encantado pela beleza das criaturas a tal ponto que se torna incapaz de compreender que o que há de mais belo está por detrás do que os olhos podem ver, está escondido nas entrelinhas. Sendo assim, fica evidente que sozinho, isto é, que apenas por seus próprios méritos o homem não consegue realizar tal ação e, é importante colocar em evidência essa sua incapacidade. Porém, é preciso destacar também a importância que os fundamentos existentes em sua essência possuem nesta caminhada rumo a Deus, pois, caso não fosse assim, que esperança o homem teria de se redimir e assim, voltar a Deus? Portanto, chegou a hora de esmiuçarmos estes fundamentos da essência humana que são capazes de levar o homem a se redimir e, assim, voltar-se para Deus, Verdade eterna.

Não é novidade que Deus no ato da criação muniu o homem de uma capacidade intelectual denominada de razão e, de algo que o ilumina e o impulsiona a chegar à perfeita compreensão de tudo denominada de fé. Além, destes dois elementos, Deus ainda dotou o homem de uma vontade livre, que como vimos a alguns parágrafos, tem o poder de nos aprisionar ou de nos libertar. Com efeito, são respectivamente estes princípios que servirão de escada para o homem, mediante a Providência Divina, retornar a Deus. Cada princípio aqui citado possui em si algo de extraordinário que observado de maneira isolada pode não revelar nada frente ao dilema que o homem enfrenta de buscar o conhecimento daquilo que lhe é superior,



mas, vistos de forma conjunta deixam evidente que podem auxiliar o homem neste processo de ascensão espiritual. É por meio da unidade entre estes princípios que o homem poderá perceber que Deus sempre esteve junto dele, que o dilema ao qual está inserido pode ser resolvido no exato momento que começar a voltar-se para dentro de si mesmo e, que a cegueira que hoje o perturba nada mais é que uma escolha errada do passado, passível de reversão desde que este perceba a sua pequenez frente a Deus, possibilitando assim a ação da graça divina em seu ser.

Haja vista, a importância destes três elementos para a realização do fim último ao qual o homem está destinado deparamo-nos com a necessidade de tornar seus significados mais claros, embora, cada um deles já tenha sido mencionado ao longo desta dissertação. Envolver-nos-emos agora em uma investigação mais profunda sobre tais elementos, que inicialmente nos conduzirá ao significado de cada um isoladamente, para depois chegarmos ao que nos trás de fato a essa investigação, que nada mais é do que perceber a importância da unidade entre fé, razão e vontade para o encontro entre o homem e à Verdade.

Portanto, para alcançar tal objetivo, exporemos os elementos de forma a demonstrar a hierarquia observada nas obras de Agostinho, assim, poderemos compreender um pouco mais sobre o papel de cada um deles em sua visão e, conseqüentemente o papel deles no que diz respeito à vida feliz do homem. O esquema abaixo demonstra essa hierarquia, além de demonstrar a ordem de explanação com a qual serão expostos.

Fé → Razão → Vontade

O primeiro elemento a nos dedicarmos será, portanto, a fé que é vista como um dom, uma virtude sobrenatural infundida no homem pelo próprio Deus. É uma adesão pessoal do homem a Deus, isto é, uma resposta do homem a Deus que se revela e a ele se doa, trazendo ao mesmo tempo uma luz superabundante ao homem em sua busca pelo sentido último da vida. Em rigor, ter fé significa:

- Conhecer a grandeza e a majestade de Deus;
- Viver em ação de graça;
- Conhecer a unidade e a verdadeira dignidade dos homens;
- Usar corretamente das coisas criadas.

Ora, tais significados carregam em si a complexidade do caminhar do homem rumo ao seu fim último, visto que, trazem embutidos em si questionamentos e dilemas, como: Onde a fé reside? Como podemos reconhecê-la? Tais questionamentos são de grande relevância para se compreender o papel da fé na vida humana, pois, é por meio deles que a nossa mente começa a questionar e a buscar a compreensão dos atos da fé. A fé entendida de forma puramente dogmática, não têm como ajudar o homem em sua busca pela Verdade, isso porque não há espaço para a reflexão, é necessário, pois, entender o que de fato ela representa, e isso se dá a partir do momento que olhamos para ela com curiosidade.

Agostinho de forma poética responde aos questionamentos supracitados quando diz que *“A fé é uma realidade do coração, não do corpo; não é exterior a nós, mas interior; ninguém a vê em outro, mas em si mesmo”* (AGOSTINHO, 2008, p. 399). Ora, tal citação nos leva a ver que para o doutor de Hipona, a fé, ainda que venha de fora, isto é, pelo sentido da audição, não pertence ao homem exterior, pois não é meramente um som, ela é um tesouro interior, é coisa do coração, é uma força secreta que Deus concedeu aos homens por meio de sua graça. Portanto, é por meio dela, que o homem pode abrir os olhos interiores para contemplar a Deus, pois, a fé é a antecipação de certas verdades ainda ignoradas pela razão. Assim, a fé em Deus tem a função de levar o homem a voltar-se só pra Deus como primeira origem e fim último e a nada mais preferir a Ele.

Por ser um critério de verdade, a fé implica submeter-se inteiramente a Deus, conformando a própria vida às verdades que ele revelou, pois, segundo Agostinho, a fé não apenas ilumina, mas tem a função de purificar e de transformar a vida daquele que a abriga em seu coração. Ao que se refere ao ato de iluminar e de purificar, podemos entender que mesmo sem compreender, o homem pelo ato de crer, já recebe certa iluminação, pois, a fé abre as portas à compreensão humana para as realidades que lhe são ocultas. O ato de crer age como um purificador, visto que, limpa o olhar imperfeito do homem, sem a fé, o homem fica incapacitado de compreender.

Com efeito, vemos que Agostinho faz mais uma vez uma distinção entre crer e compreender e, demonstra novamente que a fé se sobrepõe à razão, pois, é pelo ato de crer que o homem purifica o coração e, é por meio dessa purificação que

ele chegará a conhecer melhor a Deus e assim, amá-lo plenamente. Por isso, em sua obra “O livre-arbítrio” o Bispo de Hipona assegura:

Com efeito, se crer não fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos, primeiramente crer nas sublimes verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito: Se não o credes não entenderéis. (...) Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender (AGOSTINHO, 1995, p. 78-79).

Aqui encontramos a oportunidade para adentrarmos em nosso segundo elemento, a saber: a razão. Segundo a definição de homem utilizada desde a antiguidade, o homem é um animal racional e, é essa capacidade de raciocinar, de usar de seu intelecto frente às dificuldades da vida que o difere dos demais animais. A razão é assim, o que há de melhor no homem, pois, é pela ordem do pensamento, da inteligência que o integra que parte a certeza da nossa própria existência, fato que nenhuma outra criatura consegue perceber. Assim, ressaltou Evódio (amigo e conterrâneo de Agostinho) no diálogo O livre-arbítrio:

Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao eu me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. (...) E admitimos, igualmente, que a melhor das três é a que só o homem possui, juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência, que supõe nele o existir e o viver (AGOSTINHO, 1995, p. 81).

Guiados por essa concepção, podemos identificar a razão como uma força sublime e, ao mesmo tempo eficaz do homem, uma vez que, por meio dela o homem foi capaz de inventar a linguagem, a escrita, as artes, o cálculo e todas as ciências. Para Agostinho, a vida é busca e, a razão é o princípio que institui e dirige a busca, tornando-a fecunda, é por assim dizer, uma parte do espírito divino infundida no corpo humano.

O último elemento a ser abordado de forma isolada é à vontade. Partindo da premissa de que a vontade é um princípio de atividade, percebemos que ela está munida de uma liberdade, visto que, há em si a possibilidade da escolha. Embora

livre, à vontade nem sempre está isenta dos obstáculos oriundos das paixões. Contudo, não há nada que está no poder do homem quanto à vontade, pois, está ela disposta à execução, no instante mesmo em que o homem queira e, se não fosse assim, sequer seria vontade.

Vista em si mesma a vontade é um valor neutro, pois, pode tender tanto para o bem quanto para o mal. Contudo, a vontade livre foi dada ao homem, para que pudesse agir com retidão. Através das considerações até aqui expostas, podemos observar que a vontade está ligada ao livre-arbítrio assim como o livre-arbítrio está ligado à vontade. Na concepção agostiniana, o livre-arbítrio é um dom de Deus, concedido às criaturas racionais para que possam agir livremente de acordo com sua vontade. Portanto, esse dom concedido por Deus ao homem é guiado pela própria vontade humana, que pela razão o usará devidamente, proporcionando o bem e, pela paixão o tornará causador do mal. O uso indevido da vontade priva o homem de viver segundo o espírito e, sua privação consiste no mal. Donde se segue que, vontade e livre-arbítrio não significa apenas o ato de escolher, mas implicam no uso consciente da liberdade. Ora, a liberdade consiste na posse da Verdade, o que implica que só seremos verdadeiramente livres quando o livre-arbítrio e a vontade se declararem como o poder que se determina pelo bem e por Deus.

Tendo concluído as definições e características da fé, da razão e da vontade da forma como foi proposta, ou seja, isoladamente, partiremos para o objetivo final dessa dissertação, a saber: a unidade entre fé, razão e vontade e, principalmente, o significado dessa unidade frente ao encontro do homem com a Verdade. Dotado de alma espiritual, inteligência e vontade, o homem desde sua concepção foi ordenado para Deus e destinado à Bem Aventurança eterna, por conta disso, busca a sua perfeição na procura e no amor à Verdade. Esta busca só acontece de forma eficaz, se e somente se, a fé, a razão e a vontade humanas cooperarem com a graça divina.

É por intermédio da utilização conjunta da fé, da razão e da vontade, que o homem consegue ultrapassar as barreiras que lhe foram impostas desde sua desobediência a Deus e que acarretaram em sua queda do paraíso. Ora, viver estes três elementos de forma harmoniosa e continua leva o homem a vencer sua

predisposição ao mal, ou seja, sua tendência a amar as criaturas em si mesmas. Portanto, o prazer de viver na plenitude da Verdade está ligado no homem a vivência da fé e da razão de forma intrínseca, o que de fato se dá mediante a ação de sua vontade.

Como foi possível observar na visão cosmológica de Agostinho, tudo no universo é explicado por sua dependência de Deus. Desta forma, quanto mais dependermos de Deus, tanto mais seremos livres mediante a ação de Sua graça. Neste caso, o próprio livre-arbítrio e suas boas ações são frutos da graça e da Providência Divina, visto que é de Deus que vem a força e a inspiração para fazer o bem, embora, esteja no livre-arbítrio a incumbência de realizá-lo. No que se refere à fé, vê-se que é por meio dela que os olhos do coração se abrem para uma compreensão viva dos conteúdos da Revelação, embora, ela inclua uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus faz de si mesmo por suas palavras e ações. É por meio da reflexão que o conhecimento se torna mais penetrante e mais fugaz, despertando no homem por sua vez, uma fé mais firme e mais ardente de amor.

Ora, o homem é a única criatura na terra que Deus quis por si mesma, por isso, desde sua concepção, é destinada à bem-aventurança. Chamado a participar da Verdade eterna, mas ferido pela ação do mal, que é movido pelo uso equivocado e desregrado da vontade, o homem não consegue sozinho se aproximar das bem-aventuranças, necessita, portanto, da Providência Divina. Tal Providência chega ao homem por intermédio de Jesus Cristo, filho primogênito de Deus e Redentor do universo. É por meio do amor de Cristo que Deus se faz conhecer pelos homens e, os chama a participar de suas bem-aventuranças.

Deus, infinitamente Perfeito e Bem aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada. Eis por que, desde sempre e em todo lugar, está perto do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças. [...] Faz isto por meio do Filho, que enviou como Redentor e Salvador quando os tempos se cumpriram. Nele e por Ele, chama os homens a se tornarem, no Espírito Santo, seus filhos adotivos, e, portanto os herdeiros de sua vida bem-aventurada (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p.13).

É devido ao amor dedicado ao homem, que Deus envia seu filho Jesus Cristo para redimi-lo de seus pecados. A graça de Cristo restaura no homem o pecado que deteriorou sua alma. Logo, é por meio da Providência Divina que o homem se torna capaz de reconhecer a sua dignidade frente à criação. Assim, o retorno do homem a Deus se inspira na caridade humilde, que o mantém por meio da fé, da razão e da vontade no seu lugar devido dentro da ordem cósmica. Lugar este que está centrado em amar todas as criaturas como sinais que apontam para além de si mesmas e, que por isso, soa como que um convite para o homem regressar à Verdade, isto é, a Deus único Bem que de nenhum bem necessita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui propostas foram movidas pela intenção de inserir o pensamento de Agostinho no que tange à importância da fé, da razão e da vontade no processo realizado pelo homem de busca da Verdade. A análise dessa busca levou-me a perceber que na concepção agostiniana há uma relação intrínseca entre fé e razão e, essa relação de intimidade é motivada e alicerçada pela própria vontade humana. A fé é representada pela religião cristã e a razão pela filosofia. Os argumentos expostos por Agostinho nas obras utilizadas para compor esta dissertação, tanto no que se refere à filosofia quanto no que se refere à religião, fez-me lançar um novo olhar sobre o significado dessas duas formas de que o homem dispõe para chegar ao conhecimento da Verdade.

Percebi a importância de ver a filosofia como ponto de partida do homem, visto que, tem como principal objetivo proporcionar ao homem, meios para que este possa interpretar de forma racional o mundo em que vive, levando em consideração a natureza, a sociedade e a própria existência humana. Neste contexto, a filosofia norteia, isto é, dá direcionamento para a reflexão da realidade, tudo isso para que o homem possa tornar-se verdadeiramente sábio, e assim, possa chegar à sua meta natural. Em contra partida, compreendi que por se fundamentar em uma vivência que busca a Deus, princípio de todo ser, a religião cristã se dirige tanto de forma espiritual quanto de forma moral ao homem, que afligido e sufocado pela culpa do pecado (personificação do mal) é impossibilitado de encontrar, por si só, o caminho que o levará a regressar a Deus.

Por ter sido criado à imagem de seu Criador, o homem recebe do próprio Deus um auxílio para sua redenção. É mediante a Providência Divina que o homem consegue retornar a Deus. De acordo com Agostinho, para que possa regressar a Deus é necessário que o homem reconheça sua essência e, para isso, é preciso mergulhar no mais íntimo de seu ser. O retorno a si mesmo leva o homem a reencontrar-se com Deus e, a fé e a razão são partes fundamentais deste reencontro, pois na visão de Agostinho a fé ingênua é causa de queda e não de elevação. Sua famosa frase: “Crer para compreender e compreender para crer”, é uma prova cabal disso, pois, demonstra claramente que não basta apenas crer, é necessário procurar entender as razões da fé. Agostinho julgava ser progresso

espiritual poder passear entre estas duas potências de forma harmoniosa, visto que, elas ainda são os principais meios de que o homem dispõe para encontrar a Deus.

Segundo Agostinho, um homem que está distante de Deus está afastado de si mesmo, alienado, e só poderá se reencontrar encontrando-se com Deus, que é puro amor. Para que este encontro de fato aconteça é indispensável que o homem use a fé para iluminar a razão e, a razão para orientar sua vontade, só assim, buscará o que há de mais valioso no mundo. Por ser sua obra mais amada, Deus não cessa de atrair o homem para si, por isso, auxilia esse retorno com sua providência Divina, haja a vista que, sozinho o homem não é capaz de tal feito.

Enfim, o que se pretendeu com este trabalho não foi exaurir as possibilidades de discussão sobre o tema, mas suscitar tal discursão em meio a uma sociedade que vivencia uma realidade utilitarista e relativista. De fato, o intuito aqui estabelecido foi o de apresentar, com a perspectiva de análise e interpretação do doutor de Hipona, a riqueza das questões que podem ser formuladas a partir da possibilidade do retorno do homem a Deus. Tendo em vista que, segundo sua concepção, só em Deus é que o homem encontra a Verdade, estado de felicidade eterna que procura sem descanso. E o caminho traçado para alcançar tal fim, passa pela unidade entre fé, razão e vontade.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. O livre-arbítrio; tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira; revisão Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995

\_\_\_\_\_. Confissões; tradução: J. Oliveira Santos, e A. Ambrósio de Pina. Editora: Nova Cultural Ltda. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Comentário ao Gênesis. Tradução: Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. Trindade; tradução: Frei Agostinho Belmonte. 4ª Edição. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre. Trad. Agostinho Belmonte. Coleção Patrística; 24. São Paulo: Paulus, 2008.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 4ª impressão. São Paulo: Paulus, 2002.

BOEHER, Philotheus. História da Filosofia Cristã / Philotheus Boehner, Etienne Gilson; tradução de Raimundo Vier; 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

REALE, Giovanni. História da filosofia: Filosofia pagã antiga, v. 1. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

AE CRESCENZO, Luciano. História da filosofia medieval. Tradução: Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

JORDÃO, Eduardo Antônio. Agostinho: educação e fé na Cidade de Deus. Coleção Educação e Conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAULO II, João. Carta Encíclica *Fides Et Ratio*. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1999.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.